

CADERNO DE RESUMOS

IX COLÓQUIO DE HISTÓRIA E ESPAÇOS

08 de novembro a 12 de novembro 2021

Natal – Rio Grande do Norte

**Programa de Pós-Graduação em História
Universidade Federal do Rio Grande do Norte**

Carmen Margarida Oliveira Alveal

Alaide Matias Ribeiro

Krishna Luchetti

(Organizadores)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE

Reitor: José Daniel Diniz Melo

Vice-Reitor: Henio Ferreira de Miranda

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES

Diretora: Maria das Graças Soares Rodrigues

Vice-Diretor: Josenildo Soares Bezerra

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Coordenadora: Carmen Margarida Oliveira Alveal

Vice-Coodenadora: Marcia Severina Vasques

COMISSÃO ORGANIZADORA

Coordenação geral:

Prof. Dra. Carmen Margarida Oliveira Alveal

Comissão organizadora:

Alaide Matias Ribeiro

Bárbara Silva Araújo

Francisca Rafaela Mirlys da Silva

Isabela da Silva Ferreira

Joana Paula Silva Sousa

Krishna Luchetti

Monique Maia de Lima

Rannyelle Rocha Teixeira

Thiago Venicius de Sousa Costa

Elaboração:

Alaide Matias Ribeiro

Krishna Luchetti

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

IX Colóquio de História e Espaço (11.: 2021,
Natal RN))

Caderno de resumos [livro eletrônico] : IX
Colóquio de História e Espaço / Carmen Margarida
Oliveira Alveal, Alaide Matias Ribeiro, Krishna
Luchetti (organizadores). -- 1. ed. -- Natal, RN :
Assaf e Sousa Comunicação, 2021.

PDF

ISBN 978-65-990211-3-8

1. História 2. História - Estudo e ensino
3. História - Pesquisa I. Alveal, Carmen Margarida
Oliveira. II. Ribeiro, Alaide Matias. III. Luchetti,
Krishna.

21-93607

CDD-907

Índices para catálogo sistemático:

1. História : Estudo e ensino 907

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

SUMÁRIO

Apresentação.....	5
Programação.....	6
Mesas-redondas.....	9

RESUMOS DAS COMUNICAÇÕES POR SIMPÓSIO TEMÁTICO

ST1 – Teoria, Historiografia e Ensino da História dos Espaços.....	13
ST2 – Espaços, Historicidade e Práticas Sociais.....	27
ST3 – (Des)colonialidades, Territorialidades, Espiritualidades & Americanidades.....	37
ST4 – Espaço, Sociedade e Cultura no Mundo Antigo.....	39
ST5 – Brasil e Américas: Territorialização, Política, Sociedade e Cultura (séculos XVI-XIX).....	43
ST6 – História Cultural dos Espaços.....	50

APRESENTAÇÃO

O IX Colóquio de História & Espaços - PPGH/UFRN é mais um evento no âmbito do PPGH - Programa de Pós-Graduação em História que visa divulgar as pesquisas dos discentes e docentes membros do Programa para a sociedade em geral. Ocorrerá em formato remoto, e haverá mesas-redondas com convidados internacionais e nacionais, além de uma conferência de abertura com um pesquisador europeu e simpósios temáticos nos quais os discentes poderão apresentar seus trabalhos. O Colóquio está em sua 9ª edição, e tem tido bastante êxito em suas edições anteriores, com ampla participação dos membros do Programa. A temática é relativa à área de concentração do PPGH que é História e Espaços, portanto a categoria espaço, em suas múltiplas dimensões aparece em todos os trabalhos.

O IX Colóquio de História e Espaços é um evento bienal e ocorrerá de forma remota do dia 08 a 12 de novembro de 2021.

Comissão organizadora

PROGRAMAÇÃO

08 de novembro de 2021 (SEGUNDA-FEIRA)

14h00 **CONFERÊNCIA DE ABERTURA – “Espaços sem culpa: passados perdidos e presentes fantasmagóricos de África na memória pública do Portugal contemporâneo”**

Prof. Dr. Roberto Vecchi – Universidade de Bolonha

MESA-REDONDA - Entre o regional e o nacional: saberes, práticas e identidades espaciais

Organizadores:

19h00 às 21h00 Francisco Firmino Sales Neto - PPGH-UFRN
Durval Muniz de Albuquerque Júnior - PPGH-UFRN
Matias Emiliano Casas - Universidad Nacional de Tres de Febrero – Conicet
Emerson José Ferreira de Sousa

Local: Canal do PPGH no YouTube

MESA-REDONDA - Povos indígenas & espaços na História: por outras territorialidades, calendários e geografias

Organizadores:

19h00 às 21h00 Lígio José de Oliveira Maia – PPGH/UFRN
Sebastião Vargas – PPGH/UFRN
Marcel Mano - GEPAEHI-UFU
Rodrigo Guerra – UFRN

Local: Canal do PPGH no YouTube

09 de novembro de 2021 (TERÇA-FEIRA)

14h00 às 18h00 **SIMPÓSIOS TEMÁTICOS 1, 2 & 3**

MESA-REDONDA – Culturas históricas, memórias e espacialidades

Organizadores:

19h00 às 21h00 Margarida Maria Dias de Oliveira – PPGH/UFRN
Juliana Teixeira Sousa – PROFHISTÓRIA/UFRN

Francisco Santiago Jr. – PPGH/UFRN
João Maurício Gomes Neto – UNIR

Local: Canal do PPGH no YouTube

MESA-REDONDA - Historiografia, Ensino, Quadrinhos e História dos Espaços

Organizadores:

19h00 às 21h00

Evandro dos Santos – UFRN-Caicó
Bruno da Costa – IFRN
Alberto Pessoa – UFPB - Pós-doc. UFRN
Renato Amado – UFRN
Anderson Brito – UFOB

Local: Canal do PPGH no YouTube

10 de novembro de 2021 (QUARTA-FEIRA)

14h00 às 18h00 SIMPÓSIOS TEMÁTICOS 1, 2, 5 & 6

MESA-REDONDA - Sesmarias, territorialidades e posse da terra: renovações nos estudos agrários por meio da plataforma SILB

Organizadores:

19h00 às 21h00

Thiago Dias – UPE-LEHS-UFRN
Marina Monteiro Machado – UERJ
Carmen Alveal – PPGH/UFRN
Ana Lunara da Silva Moraes

Local: Canal do PPGH no YouTube

MESA-REDONDA - As sociedades antigas e suas espacialidades: estudos de caso

Organizadores:

19h00 às 21h00

Marcia Severina Vasques – PPGH/UFRN
Thaís Rocha da Silva – USP, Brasil/University of Oxford, Inglaterra
Arthur Rodrigues Fabrício – PPGH/UFRN

Local: Canal do PPGH no YouTube

11 de novembro de 2021 (QUINTA-FEIRA)

MESA-REDONDA - O espaço histórico recriado no espaço do audiovisual: a experiência do documentário A província moderna: Natal, 1900-1930

19h00 às 21h00 **Organizadores:**
Helder Viana – PPGH/UFRN
Raimundo Arrais – PPGH/UFRN
Iranilson Buriti – PPGH/UFCG
Renato Marinho – IFRN

Local: Canal do PPGH no YouTube

12 de novembro de 2021 (SEXTA-FEIRA)

14h00 às 18h00 **SIMPÓSIOS TEMÁTICOS 4 & 6**

MESAS-REDONDAS

MR 1 – HISTORIOGRAFIA, ENSINO, QUADRINHOS E HISTÓRIA DOS ESPAÇOS

Resumo: Nossa mesa-redonda visa proporcionar o debate e a troca de experiências investigativas entre pesquisadores da História dos Espaços, procurando integrar os recursos humanos de nosso Grupo de Pesquisa com integrantes e egressos do Programa de Pós-Graduação em História da UFRN e professores que estejam realizando o Pós-doutorado em nosso ambiente. Visamos reunir estudos que têm como foco formações espaciais e identitárias na escala do local, regional, nacional e internacional por meio de diversas visadas, como: a historiografia, a religião, a história em quadrinhos e o ensino de história.

Organizadores:

Evandro dos Santos – UFRN-Caicó
Bruno da Costa – IFRN
Alberto Pessoa – UFPB - Pós-doc. UFRN
Renato Amado – UFRN
Anderson Brito – UFOB

MR2 – CULTURAS HISTÓRICAS, MEMÓRIAS E ESPACIALIDADES

Resumo: A mesa-redonda se propõe a integrar e trabalhar a constituição de culturas históricas a partir de diversos discursos e práticas sociais construtoras do passado, notadamente, historiografia, ensino de história e cultura monumental, focalizando como tais práticas são fundamentais para a definição de territorialidades relacionadas às identidades regionais, raciais e de gênero.

Organizadores:

Margarida Maria Dias de Oliveira – PPGH/UFRN
Juliana Teixeira Sousa – PROFHISTÓRIA/UFRN
Francisco Santiago Jr. – PPGH/UFRN
João Maurício Gomes Neto – UNIR

MR3 – POVOS INDÍGENAS & ESPAÇOS NA HISTÓRIA: POR OUTRAS TERRITORIALIDADES, CALENDÁRIOS E GEOGRAFIAS

Resumo: Nesta mesa-redonda, pretendemos explorar a hipótese de que na América dita Latina não é o Oriente o alvo preferencial de representação, ou o oriental que se essencializa, e sim o indígena. Pretendemos esboçar o mapeamento desse tópico (apenas uma ilha do arquipélago da complexa história da imagística sobre os ameríndios), a saber, os mecanismos de sobreposição e intercâmbio de figuras representativas que o Ocidente originalmente inventou e reservou aos “orientais” (judeus evidentemente incluídos) transferidas aos indígenas das Américas. Além disso, pretendemos refletir sobre a cosmopolítica, as lutas e as representações territoriais provindas das próprias visões dos povos originários de espaços que são cada vez mais nomeados como Abya Yala. Finalmente, passando da história à etnologia dos “Cayapó” meridionais do século XVIII, a mesa apresentará também uma reflexão da historicidade dos contatos de grupos Jê-Cayapó com seus diferentes ‘outros’, no estudo sobre a construção político-simbólica das identidades e alteridades étnicas em situações de contato. Aponta alguns limites dos modelos etnológicos usados para pensar a história e a cultura dos grupos da família linguística Jê do Tronco Macro-Jê, apoiados no dualismo, na reiteração, na espacialidade, na tendência centrípeta e na identidade binária.

Organizadores:

Lígio José de Oliveira Maia – PPGH/UFRN

Sebastião Vargas – PPGH/UFRN

Marcel Mano - GEPAEHI-UFU

Rodrigo Guerra – UFRN

MR4 – AS SOCIEDADES ANTIGAS E SUAS ESPACIALIDADES: ESTUDOS DE CASO

Resumo: A proposta da mesa-redonda é apresentar estudos de caso das sociedades antigas a partir da discussão de espacialidades diversas, ou seja, espaços urbanos, espaços domésticos, territórios e paisagens, espaços sagrados, construtores de memória e formadores de identidades. Em destaque, objetivamos abordar dois exemplos concernentes ao Egito faraônico: um relativo aos templos enquanto formadores de memória cultural e de identidade em associação à paisagem egípcia e, o segundo,

abordando o espaço doméstico e suas possibilidades de estudo em relação ao urbanismo, às relações sociais e de gênero.

Organizadores:

Marcia Severina Vasques – PPGH/UFRN

Thaís Rocha da Silva – USP, Brasil/University of Oxford, Inglaterra

Arthur Rodrigues Fabrício – PPGH/UFRN

**MR5 – SESMARIAS, TERRITORIALIDADES E POSSE DA TERRA:
RENOVAÇÕES NOS ESTUDOS AGRÁRIOS POR MEIO DA PLATAFORMA
SILB**

Resumo: A mesa-redonda visa apresentar os primeiros resultados do projeto Plataforma SILB – Sesmarias do Império Luso-brasileiro, um banco de dados contendo informações das sesmarias concedidas pela Coroa portuguesa no mundo atlântico. A Plataforma SILB tem como objetivo facilitar o acesso às informações de quase 16 mil cartas de sesmarias concedidas na América portuguesa por autoridades régias. Pretende-se, a longo prazo, incluir as sesmarias distribuídas na África e nas ilhas atlânticas. Na petição por uma carta de sesmaria, o requerente devia justificar seu pedido, e quando recebesse a carta de concessão havia uma série de obrigações, entre as quais estava a necessidade do cultivo, da demarcação e da confirmação real, embora a maioria das cartas não tenha sido confirmada pelo rei. A mesa pretende mostrar as diferenças regionais e os contextos específicos.

Organizadores:

Thiago Dias – UPE-LEHS-UFRN

Marina Monteiro Machado – UERJ

Carmen Alveal – PPGH/UFRN

Ana Lunara da Silva Moraes

**MR6 – O ESPAÇO HISTÓRICO RECRIADO NO ESPAÇO DO
AUDIOVISUAL: A EXPERIÊNCIA DO DOCUMENTÁRIO A PROVÍNCIA
MODERNA: NATAL, 1900-1930**

Resumo: Esta mesa-redonda pretende discutir os modos como o espaço urbano, enfatizado na sua dimensão histórica, é representado na produção audiovisual “A província moderna: Natal, 1900-1930” (2019, dir. Artemilson Lima/Raimundo Arrais),

enfatizando as questões de natureza metodológica, teórica e artística que dizem respeito ao conhecimento histórico, à produção audiovisual e a sua utilização na prática docente. Esse documentário de curta duração representa o ponto de convergência, no campo da história urbana, das pesquisas realizadas nos últimos anos no Grupo de Pesquisa “Os espaços na modernidade”, na procura de converter os produtos da pesquisa em material que possa subsidiar as aulas de história do Rio Grande do Norte.

Organizadores:

Helder Viana – PPGH/UFRN

Raimundo Arrais – PPGH/UFRN

Iranilson Buriti – PPGH/UFCEG

Renato Marinho – IFRN

MR7 - ENTRE O REGIONAL E O NACIONAL: SABERES, PRÁTICAS E IDENTIDADES ESPACIAIS

Resumo: A partir da perspectiva de uma História Cultural dos Espaços, nesta mesa-redonda, propomos discutir processos de constituição de identidades espaciais cujas referências históricas se ligam aos saberes e práticas culturais. Em particular, retomando nossas preocupações acadêmicas em torno dos regionalismos e nacionalismos, refletiremos sobre os elementos culturais que são agenciados quando das invenções de tradições e identidades espaciais, especialmente por meio de saberes e práticas em torno da chamada cultura popular.

Organizadores:

Francisco Firmino Sales Neto - PPGH UFRN - Mediador

Durval Muniz de Albuquerque Júnior - PPGH UFRN - Apresentador

Matias Emiliano Casas - Universidad Nacional de Tres de Febrero - Conicet

Emerson José Ferreira de Sousa (Egresso) - Apresentador

SIMPÓSIOS TEMÁTICOS

ST1 - TEORIA, HISTORIOGRAFIA E ENSINO DA HISTÓRIA DOS ESPAÇOS

Resumo: Nosso Simpósio Temático visa reunir os estudos que tenham como foco as diversas formações espaciais e identitárias na escala do local, regional, nacional ou internacional; a produção e fabricação dessas formações em instituições, organizações ou por grupos de intelectuais; o ensino de história e a sua relação com a História dos espaços; a teorização dessas relações e a sua apresentação historiográfica, bem como suas interações no campo político, historiográfico ou religioso. Neste sentido, nosso Simpósio receberá trabalhos que reflitam sobre a teoria, historiografia e/ou práticas espaciais ou identitárias fabricadas nos institutos historiográficos e similares, locais ou nacionais e a sua relação com a política e o campo histórico e espacial, assim como trabalhos que dedicam atenção à atuação de indivíduos, imprensa e organizações civis e religiosas, tais como partidos, facções e correntes. Receberemos também as reflexões acerca das ações e práticas relacionadas à história dos espaços, notadamente os desdobramentos institucionais, políticos e sociais, que objetivem perceber as matrizes de tais formulações, suas expressões concretas e suas permanências.

Coordenadores:

Magno Santos – PPGH/UFRN

Renato Peixoto – PPGH/UFRN

09 DE NOVEMBRO DE 2021

14h00 às 18h00

Rodrigo Octávio, historiador, cronista ou jurista? Um olhar sobre a edição comemorativa do IHGB do centenário de Rodrigo Octávio

Alesy Soares Oliveira

O presente artigo tem o intuito de analisar o número comemorativo da revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro em homenagem a Rodrigo Octávio Langgaard Meneses

feita em seu centenário (1866-1966) ao final do ano de 1969 que também abrange a data de morte de seu filho no mesmo ano, Rodrigo Octávio Filho, sendo da mesma forma homenageado. O que se espera apontar no texto são contribuições para o entendimento da influência desse autor nos diversos centros institucionais em que esteve presente, assim como suas ações nos campos diplomáticos-jurídicos, historiográficos e literários sendo relevantes para olhar de sua trajetória que contém passagens pelos principais pólos institucionais do Brasil. O que possibilita observar as principais mudanças que ocorreram nas estruturas estatais nos momentos de transição da monarquia-república e nos anos de 30 no período de Getúlio Vargas, entendendo como esses campos intelectuais foram se moldando em torno dessa região nova de saberes que configuram os espaços a uma modificação do que era entendido enquanto nação, pátria e território. Com auxílio da teoria podemos entender como esses conceitos são trabalhados de forma primária na presente fonte, atentando para a larga faixa de recorte temporal que atravessa as narrativas contidas nas páginas da revista, sendo influenciada diretamente por essa disposição. O que uma homenagem de cem anos sobre um autor pode revelar dos lugares daqueles que se colocam enquanto interlocutores de uma vida política e intelectual vivida no fulgor da república nascente? Espera-se assim demonstrar os alguns caminhos sobre essas discussões que contribuam para pesquisas que cubram o recorte da primeira república e os insumos produzidos que justificaram as ações daquela época, percebidas aqui na reverberação da revista do IHGB em plena ditadura militar (1964-1985), e dessa forma avistar como conceitos de liberdade, republicanismo e nação são escritos em uma homenagem póstuma a um de seus pares.

“Não houvessem no Brasil esses autodidatas precursores...”: os intelectuais do Instituto Histórico Geográfico do Rio Grande do Norte e a construção do espaço institucional do curso de História da UFRN em Natal (1956-1987)

Clivya da Silveira Nobre

O atual curso de História da UFRN foi fundado em 1956, até então o IHGRN era a principal instituição de pesquisa histórica no Rio Grande do Norte. Grande parte dos professores que inicialmente estruturaram o curso foi sócia do Instituto. O objetivo geral da minha pesquisa é explicar de que maneira a rede de sociabilidade dos intelectuais que compuseram simultaneamente o IHGRN e a UFRN contribuiu na construção do espaço

institucional do curso de História da UFRN, em Natal, de 1956 a 1987. Os objetivos secundários são: investigar a história do ensino superior de História no Rio Grande do Norte e do curso de História da UFRN, fundação e estruturação curricular; analisar a atuação dos intelectuais docentes no espaço institucional do IHGRN por meio de seus escritos na Revista do Instituto; e discorrer sobre a produção e o ensino desses sujeitos no espaço acadêmico, buscando compreender aproximações e distanciamentos com o proposto por eles na atuação no IHGRN. Utilizo como fontes as atas de reuniões docentes (nos acervos do LABIM e do RHISME), as resoluções do CONSAD (acervo do SIGHRN), programas das disciplinas (no RHISME), 14 artigos publicados na Revista do IHGRN, três artigos publicados na Revista História – UFRN dedicada aos 30 anos do curso de História da UFRN, e as entrevistas concedidas pelos docentes disponíveis no DVD 50 anos de História e nos resultados da disciplina História Oral, em 2018. Trabalho com a metodologia de análise qualitativa crítica das fontes, e de História Oral. Tendo em consideração que o curso de História da UFRN forma grande parte dos professores historiadores no Rio Grande do Norte, é possível afirmar que investigar como os formadores construíram o espaço de formação e suas opções metodológicas e historiográficas ao ensinar e pesquisar possibilitará compreender aspectos do ensino de História e da pesquisa em História feita no estado.

Revisões & Revanches: a historiografia do ressentimento como análise da identidade paulista contemporânea

Douglas André Gonçalves Cavalheiro

Os efeitos duradouros do ressentimento entre os indivíduos fazem com que essa emoção seja um dos sentimentos mais investigados por meio da análise histórica. Revoltas, rebeliões e até revoluções são decisivas no processo de criação de discursos chauvinistas e revanchistas que moldam o espaço das identidades sociais. O ressentimento será reavaliado em seus efeitos sociais a partir de uma abordagem da história das sensibilidades, como no trabalho da psicanalista Maria Rita Kehl, *O Ressentimento* (2004), e com o historiador Marc Ferro em *O Ressentimento na História: compreender o nosso tempo – uma análise original do fenômeno da violência na história* (2007). Portanto, na propagação de discursos políticos, propondo o revisionismo histórico e atividades de revanchismo, identifica-se o ressentimento como sentimento causador da construção de

uma ideologia identitária na sociedade contemporânea, como no caso da relação conflituosa entre o sentimento de orgulho paulistano em relação a identidade brasileira durante as eleições de 1929. Ao serem liderados pela elite gaúcha em oposição à elite paulista, o ressentimento foi evocado na retórica de membros da Aliança Liberal ao atribuir que aos intelectuais paulistas teriam afirmado que São Paulo seria uma “locomotiva que conduzia vinte vagões vazios”. Posteriormente, mesmo com a autoria do lema de São Paulo como locomotiva ainda permanecesse como uma incógnita, a elite paulista passou a adotá-lo em seus discursos, pois com a deposição do presidente Washington Luís durante a Revolução de 1930 e com a derrota militar da Revolução Constitucionalista de 1932, observava-se a influência reduzida na representatividade do poder público federal. Dessa maneira, a elite paulista ressignificou a identidade regional por meio do bandeirantismo, ícones anteriormente utilizados como responsáveis pela unidade territorial brasileira, e que se tornaram o símbolo da identidade secessionista paulista contemporânea.

Espaços imaginados e a produção dos espaços: a atuação intelectual do Instituto do Ceará na preservação do patrimônio cearense e na imaginação da cidade ideal (1887-1956)

Pedro Henrique da Silva Paes

O tombamento, instituído pelo Decreto-lei nº 25 de 30 de novembro de 1937, se concretizou como um instrumento de preservação do patrimônio material histórico e artístico. Em função disso, compreendemos que esse instrumento, também, se consolidou como dispositivo legal da intervenção intelectual na organização do espaço urbano das cidades brasileiras, sobretudo, a partir da década de 30 do século XX. Entretanto, outros mecanismos de preservação do patrimônio foram estabelecidos por intelectuais que atuaram na organização do espaço urbano brasileiro no período da Primeira República (1889-1930). No caso do Ceará, o Instituto do Ceará foi o principal órgão na defesa do patrimônio histórico e artístico estadual. Preocupados com a preservação da memória cearense e intencionados em formular a narrativa histórica do estado, os intelectuais que ocuparam a academia de história e geografia regional promoveram discursos que privilegiavam a conservação de edifícios e documentos históricos e arqueológicos, assim como defenderam a edificação de monumentos comemorativos. Dessa forma, nosso

objetivo é analisar a atuação intelectual dos sócios efetivos do Instituto do Ceará na construção de uma cidade ideal entre os séculos XIX e XX, sobretudo, entre 1887 (fundação do Instituto do Ceará) e 1956 (fundação da escola de engenharia ligada a Universidade Federal do Ceará, fundada em 16 de dezembro de 1954). Desta maneira, podemos contribuir na discussão em torno das práticas que foram adotadas para promover a formação de uma cidade moderna ideal para esses intelectuais, ou seja, que promovesse a modernização das estruturas urbanas cearenses ao mesmo tempo em que se defrontasse com a conservação do passado e da memória cearense. Dessa forma, problematizamos, historicamente, conceitos como o de “urbanização” e “patrimônio” através do processo de eleição do que seria conservado ou destruído pelos intelectuais do Instituto do Ceará.

No “labirinto de híbrida miséria”: representações da cidade de Nova York na literatura de H.P. Lovecraft (1925 – 1926)

Andressa Freitas dos Santos

Ao explorar monstros e arquiteturas anormais, conforme um padrão geométrico não euclidiano, a literatura de Howard Phillips Lovecraft (1890 – 1937) tornou-se um das maiores referências do horror do século XX. A abordagem do espaço urbano, contudo, guarda relações que perpassam a experiência pessoal do autor em um cenário que foi vivenciado pelo mesmo e foi transferido para a sua literatura. Os contos *He* (1926) e *The Horror at Red Hook* (1927) apresentam uma forma de observar como o narrador concebeu a cidade de Nova York a partir da sua experiência nesse lugar. Propõe-se estabelecer que a espacialidade é resultado da construção humana, derivada da experiência afetiva entre os lugares e os indivíduos. Serão abordadas as noções de espaço e lugar trabalhadas por Yi-Fu Tuan (1980; 1983), que perpassam a ideia de como a experiência é o principal mecanismo que operacionaliza a construção de lugares. Peter Turchi (2004) e Robert Tally (2013), que compreendem a ação do escritor similar a de um cartógrafo, serão mobilizados na tentativa de compreender como a vivência no mundo funciona como um meio de criação de mapas simbólicos que servem como representação da realidade. Os resultados preliminares apontam que na fabricação do espaço nova-iorquino na literatura ficcional de Lovecraft, a sua experiência pessoal foi decisiva. O olhar do autor, sob a ótica de visitante, fez com que seus próprios valores estéticos fossem confrontados com o outro, e essas percepções o levaram a desenvolver uma cartografia literária que ia de encontro

ao ódio do processo de urbanização que estava ocorrendo de forma acelerada em cidades como Nova York.

“Na orla cinzenta do horizonte”: o espaço das memórias de Maria Firmina dos Reis (1859-1917)

Benigna Ingrid Aurelia Bezerril

Maria Firmina dos Reis nasceu no Maranhão, na primeira metade do século XIX. Professora, poetisa e romancista, ela é apontada como primeira mulher a publicar um romance no Brasil. *Úrsula*, publicado em 1859, hoje é reconhecido como precursor da temática abolicionista nos escritos brasileiros. Para além das experiências de uma mulher dentro da complexa sociedade oitocentista do Brasil, Firmina dos Reis era mulher negra. O presente trabalho tem como finalidade expor a pesquisa que investiga a construção do espaço das memórias de Maria Firmina dos Reis. Para tal investigação, três itinerários se fazem basilares: são relacionadas as experiências da autora e a construção de seu espaço literário; é feita a análise do protagonismo negro e feminino em suas obras; por fim, é examinado o espaço ocupado pela escritora enquanto mulher negra. As fontes elencadas para tal estudo são o romance *Úrsula* (1859) e o conto *A Escrava* (1887). Como fontes de cotejo foram selecionadas notícias, poemas e informativos publicados na imprensa maranhense no recorte estabelecido para a pesquisa: de 1859 a 1917. Essas fontes geralmente trazem o nome de Maria Firmina dos Reis relacionado ao seu cargo público de professora e a publicações da autora. Tendo sua literatura como fonte principal, deve-se compreendê-la em seu contexto, para isso, o exame de outras fontes da época faz-se essencial. A pesquisa a qual busca-se discutir a partir do presente trabalho colabora para o preenchimento de lacunas historiográficas, para o surgimento de novas questões sobre o assunto, assim como para a escrita da história das mulheres e no reconhecimento e divulgação de figuras femininas na história brasileira.

Uma miríade de sensações: Francisco Dantas e a construção dos espaços literários (1991-1997)

Krishna Luchetti

Este trabalho busca analisar a construção de espaços literários no interior de Sergipe a partir das três primeiras obras literárias escritas por Francisco José Costa Dantas, respectivamente *Coivara da memória* (1991), *Os desvalidos* (1993) e *Cartilha do silêncio* (1997). Pretendo investigar a formação desse espaço literário, e para tanto, irei questionar quatro dimensões diferentes para a criação dessas obras literárias. A primeira delas, diz respeito a como as experiências pessoais de Francisco Dantas são articuladas em sua produção literária, assim como sua autorrepresentação enquanto autor. A segunda, diz respeito aos usos da história familiar e do estado de Sergipe na literatura, tendo como fonte de cotejo a historiografia sergipana e a obra biográfica de Ibarê Dantas sobre a família Dantas. A terceira soma as questões sociais que servem de gatilho para os conflitos da narrativa, e contribuem para a construção do espaço literário de vivências. E por fim, irei investigar como a tópica do regionalismo é mobilizada para a formação de tal espaço. A partir desses elementos irei problematizar esse espaço literário como um constructo forjado por Francisco Dantas, para tanto elegi como recorte temporal desta pesquisa a década de 1990, correspondente ao lançamento das três obras analisadas, assim como ao período que elas se referem, ou seja, a primeira metade do século XX. Portanto, esta pesquisa trata de um espaço literário permeado por recordações e experiências construídas por Francisco José Costa Dantas. Com base nesses e em outros elementos tornou-se evidente o peso das próprias experiências na produção literária de Francisco Dantas, assim como das trajetórias de seus personagens oníricos para a construção desse espaço literário.

10 DE NOVEMBRO DE 2011

14h00 às 18h00

**Territorialidade e Alteridade no Japão Tokugawa: ascensão Tokugawa e a
Companhia de Jesus, início do século XVII**

Renata Nobre Bezerra

Desde a primeira metade do século XV, o império japonês estava passando por uma série de conflitos internos, a casa imperial tinha perdido o controle de várias partes do país. Os

daymios, como eram conhecidos os grandes senhores de terras, estavam em constantes batalhas pelo controle da região. Na História do Japão este período ficou conhecido como *sengoku jidai*. No decorrer desses acontecimentos os primeiros portugueses chegaram ao Japão. Em 1549 o jesuíta Francisco Xavier chegou ao país, com o propósito de levar o cristianismo às terras nipônicas. As pregações jesuíticas percorreram todo o país, entretanto a influência cristã/portuguesa era especialmente forte na parte sul do arquipélago, na ilha de Kyushu. Em 1603 teve início oficialmente o período Tokugawa, e com ele uma série de mudanças político-administrativas no país. Nessa época, ser cristão no Japão tinha se tornado uma condição perigosa, principalmente se você fosse padre, mas somente com a revolução de Shimabara-Amakusa o governo encontrou a desculpa necessária para expulsar os jesuítas e os portugueses de suas terras. Em 1639 saiu o édito final de expulsão, sentenciando à morte todos os estrangeiros cristãos que estivessem em solo japonês. Este trabalho pretende fazer uma análise da nova noção de religiosidade criada pelos jesuítas, destinada à fé católica que influenciou uma parte da população japonesa e modificou suas territorialidades. Para a realização deste trabalho está sendo utilizado o método de análise crítica da obra “*Kirishitan Monogatari*”, e de alguns documentos escritos pelos jesuítas no período, para tentar perceber como os acontecimentos que tiveram seus desfecho nos primeiros anos do período Tokugawa influenciaram as relações entre a Igreja Católica, a economia, a política e a população no Japão na primeira metade do século XVII e como isso reformulou os diversos territórios que lá existiam, particularizando o caso da ilha de Kyushu, local em que a influência cristã foi mais forte.

“Não com a pena do tormento, senão com a tinta do triunfo”: a construção do espaço sacroprofânico nos santuários aos Protomártires do Brasil, pela Arquidiocese de Natal/RN (1988-2017)

Miquéias de Medeiros Bezerra

Esse trabalho lidou com a problemática dos usos do passado pelo presente, mais detidamente o uso mitológico. Para tal fim, debruçou-se sobre os espaços sagrados devotados aos Mártires de Cunhaú e Uruaçu, ou Protomártires do Brasil, mais especificamente, tangente aos três santuários, centros de função religiosa, criados pela Arquidiocese de Natal em Canguaretama, São Gonçalo do Amarante e Natal, municípios

do Rio Grande do Norte. Visou-se investigar os elementos recapturados e agenciados pela referida arquidiocese, seus fiéis e colaboradores com vista à composição dos santuários, no espaço temporal de 29 anos (1988 a 2017), no qual foi demandado beatificação, canonização de atores e sujeitos que sofreram martírio e a construção de espaços sagrados. Para tal fim, nessa circunscrição, almejou-se analisar e refletir a respeito de que tecnologias de memória foram cooptadas e a quais retóricas na contemporaneidade se pretenderam os santuários; de que forma e com qual intuito os vestígios do passado e de uma memória foram aludidos e aventados publicamente pelos processos de feitura dos santuários; e que tipo de topofilias esses espaços sagrados pretenderam aflorar, disparar ou estabelecer no público apreciador. Os principais pressupostos teórico-metodológicos advieram do conceito de história como mito e da operação historiográfica, bem como o de hierópolis, referindo-se a um local de confluência de uma demonstração de fé que adquire nítida espacialidade. Há nas hierópolis uma ritualística sacroprofânica na qual o sagrado e o profano, apesar de distintos, não se opõem e nem se excluem. Nestes vínculos, demonstra-se uma força propulsora do fenômeno religioso redimensionando o econômico, o político, o social, o lugar e a organização espacial. Quanto às fontes, somou-se algumas obras historiográficas que abordaram os mártires e a primeira edição do livro *Protomártires do Brasil: Cunhaú e Uruaçu – RN*, do monsenhor Francisco de Assis Pereira, postulador da causa dos mártires. Ao concluirmos nossas análises e reflexões, observamos que fora efetuado um uso mitológico do passado, criando-se uma narrativa e espaços dentro dos quais os fiéis pudessem habitar e encontrar sentido, significado e direção.

**Cristo Vence, Cristo Reina, Cristo Impera: o estabelecimento e consolidação do
Pensamento Restauracionista no Catolicismo Brasileiro (1921-1931)**

Flávio Augusto Galvão de Medeiros

A partir de 1921, com a chegada do então arcebispo de Olinda e Recife D. Sebastião Leme ao Rio de Janeiro, verifica-se o início da consolidação da Neocristandade no Brasil. Esse modelo de atuação da Igreja Católica, além de traduzir-se em uma nova forma de autoexame da instituição de sua presença na vida religiosa do povo brasileiro, entendia a Igreja como uma instituição com prerrogativas morais, cuja presença em todos os segmentos da sociedade se fazia impreterível. Tanto a política nacional, como a forma de

interação entre autoridades religiosas e civis, serão gravemente afetadas por esse pensamento, que encontrou na figura de D. Sebastião Leme da Silveira e Cintra, seu principal expoente, assim como da Arquidiocese do Rio de Janeiro seu centro. O trabalho em resumo, objetiva analisar a edificação de estruturas institucionais e simbólicas, que unidas e consoantes lograram ao Rio de Janeiro, patamar de centralidade em face do catolicismo nacional. Feitos como A Confederação Católica do Rio de Janeiro, o jornal A Cruz, o Monumento Nacional ao Cristo Redentor, dentre outras exibem esse referido esforço na centralização do catolicismo na Arquidiocese do Rio de Janeiro. Metodologicamente, o trabalho é orientado pelo conceito de Centro e Periferia, do autor Edward Shill. Este traduz conceitualmente o percurso de centralização do catolicismo nesse contexto. O trabalho promove igualmente o diálogo entre a historiografia da temática, representada por autores clássicos e atuais, como Rauph Dalla Cava, Riolando Azzi, Cândido Moreira, Pedro Filipe Barros, e expressões da imprensa católica da época. Assim podendo refletir-se acerca do discurso institucional católico e das análises realizadas com enfoque no citado.

“Lutamos para viver, viver é lutar”: a atuação do Movimento de Educação de Base (MEB) na Arquidiocese de Natal e a construção do espaço escolar - 1961/1969

Gerlane do Nascimento Mendes

Em um cenário marcado por intensas mudanças políticas e sociais na década de 1960 no Brasil, alguns setores da Igreja Católica, alinhados ao pensamento desenvolvimentista da época, buscaram atuar no campo educacional afim de diminuir o alarmante índice de analfabetismo nas regiões tidas como subdesenvolvidas. Tais setores, apresentaram proposta de criação de um sistema amplo de educação para dissipar tal problema, idealizando assim o Movimento de Educação de Base. O MEB foi criado em março de 1961, a partir de um convênio entre o Governo Federal e a Conferência Nacional de Bispos do Brasil, com o objetivo de implementar educação de base através das escolas radiofônicas nas regiões Norte, Nordeste e Centro-oeste. Nesse sentido, este trabalho tem por objetivo analisar a construção do espaço escolar pelo MEB no meio rural da Arquidiocese de Natal, dando destaque a proeminência das escolas radiofônicas. Com isso, busco entender como esse espaço foi construído, significado e convertido em lugar através das ações, dos discursos e da atuação dos sujeitos do MEB. As fontes utilizadas

neste trabalho, são prioritariamente os documentos sobre o MEB e as escolas radiofônicas pertencentes ao acervo particular do ativista político Roberto Monte, como também alguns documentos existentes no Arquivo Metropolitano da Arquidiocese de Natal e outros disponíveis em acervos virtuais. A metodologia aqui empregada é a análise crítica das fontes e diálogo historiográfico com autores que abordam o tema e que também atuaram junto ao MEB na década de 1960. Assim, esse trabalho justifica-se pela necessidade e relevância de mostrar a grande importância do MEB para a construção do espaço escolar junto a Arquidiocese de Natal, bem como salientar as intensas mudanças que empreendeu junto as comunidades rurais nas quais atuou, lançando luzes a uma parte marcante da história das escolas radiofônicas e da Igreja no RN.

Kindercultura e meios de comunicação de massa nas narrativas das crianças do Núcleo de Educação Infantil da Universidade Federal do Rio Grande do Norte: 1988-2006

Thábata Araújo de Alvarenga

Nesse trabalho iremos analisar as histórias de faz de conta produzidas pelas crianças das turmas de alfabetização do Núcleo de Educação Infantil, escola de aplicação vinculada ao então Departamento de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, publicadas pela instituição nos livros da turma 5, entre os anos de 1988 e 2006, procurando demonstrar como a cultura de massa e a kindercultura¹ influenciaram o imaginário infantil, tornando-se parte da vivência e da experiência das crianças. Nesse trabalho consideramos de fundamental importância compreender o currículo cultural por detrás da cultura produzida para as crianças, tanto a partir da cultura escolar, quanto por meio da kindercultura. Compreendemos nossas fontes como instrumentos importantes para os estudos no âmbito da nova história cultural, pois constituem matéria-prima passível de ser trabalhada numa abordagem que privilegie a cultura escolar, desvelando as normas de funcionamento da escola, as práticas pedagógicas, as representações da infância e as culturas infantis que se desenvolvem no espaço escolar. Além de tal abordagem adotada por nós nesse trabalho, tais fontes podem também ser utilizadas nas

¹ Compreendemos como Kindercultura os produtos culturais (brinquedos, filmes, séries, livros, HQs, entre outros) produzidos pelas grandes corporações capitalistas destinados ao consumo infantil e que transmitem valores, podendo ou não determinar a conduta e a visão de mundo das crianças.

pesquisas no âmbito da história da alfabetização, na história da leitura e da escrita como práticas culturais e sociais, na história do livro, e na história social da criança e da infância. Para analisar as representações da infância no NEI, procuramos categorizar as principais temáticas que fazem parte do enredo das histórias de faz de conta produzidas pelas crianças das turmas de alfabetização. Nesse sentido, buscamos mapear as histórias que se inspiram nos saberes e conteúdos curriculares trabalhados em sala de aula, histórias que nos falam da vida cotidiana na infância, tanto no âmbito doméstico, familiar, quanto no espaço escolar e nos demais espaços de sociabilidade infantil, histórias que foram inspiradas pelos meios de comunicação de massa, fruto do consumo cultural na infância e histórias que tratam acerca da percepção do mundo e da descoberta das coisas. Constatamos, a partir da análise de nossas fontes que os programas televisivos que atingiam as crianças que estudavam no NEI tinham larga influência sobre suas representações de mundo e seu imaginário, determinado, em alguma medida, modificações em sua infância, como resultado de seu contato com a kindercultura e com outras manifestações mais adultas da cultura da mídia. No entanto, constatamos também que, apesar de tal influência, as crianças eram ainda permeáveis à autoridade familiar que controlava suas experiências culturais, procurando moldar seus valores e suas visões de mundo.

“E por ela foi dito”: espaços de sociabilidades femininas na comarca de São José de Mipibu (1877-1882)

Francisca Rafaela Mirlys da Silva

A história das mulheres teve uma escrita tardia. Por muito tempo os historiadores se dedicaram a contar determinados tipos de histórias: de homens, brancos e ricos ou das instituições. A história dos grupos “de baixo” mudou esse cenário. Os desvalidos da história passaram a ser objetos de pesquisa nos anos 1980. As formas de tratar desses sujeitos, assim como quais aspectos da vida abordar, podem ser muito diversas. É possível tratar da vida profissional e da luta por direitos políticos, sociais e econômicos. E também é possível abordar aspectos culturais e o cotidiano. Outro aspecto para levar em consideração nessas novas histórias é pensar quais sujeitos estão sendo abordados. São inúmeros os sujeitos “de baixo”: pessoas pobres, negros, escravizados, indígenas, LGBTQIAP+, pessoas com deficiência, mulheres, etc. Neste trabalho me dedico ao

último grupo, na perspectiva de uma história social das mulheres. Desse modo, esta pesquisa objetiva analisar os espaços de sociabilidades femininos na comarca de São José de Mipibu, de 1877 a 1882, por meio de três processos criminais envolvendo três mulheres jovens em situações e/ou crimes envolvendo questões de cunho moral e sexual. Buscarei, portanto, compreender as experiências de mulheres diante do mundo formal, suas trajetórias, e as redes de apoio que construíam e acionavam em momentos de conflito. Para o uso e trato das fontes, recorro a Carlo Ginzburg. E para compreender essas mulheres enquanto sujeitas de uma história vista de baixo, mobilizo E. P. Thompson.

**Manoel Dantas e a ideia de progresso: da educação às transformações materiais
(Rio Grande do Norte, 1889-1913)**

Gabriel Barreto da Silveira Oliveira

Esta pesquisa tem como base a produção intelectual de Manoel Dantas, abordando os textos jornalísticos que ele publicou no jornal *O Povo*, de sua cidade de origem, Caicó, e no jornal *A Republica*, veículo oficial do Partido Republicano do Rio Grande do Norte, para o qual Dantas começou a trabalhar ao se mudar para a cidade de Natal. Constatamos que os escritos de Manoel Dantas evocavam uma concepção de progresso, ideia que esteve muito presente no pensamento ocidental ao longo do século XIX até o início do século XX. Observamos que, no Rio Grande do Norte, a exemplo de outros lugares do Brasil e do mundo ocidental, o progresso esteve ligado a práticas políticas e a ideias como liberdade. Manoel Dantas, inicialmente, associou o progresso à educação – uma ligação que os governadores também ecoaram em suas mensagens oficiais. Poucos anos depois, entretanto, percebemos que Dantas e seus correligionários mudaram o discurso e passaram a usar a ideia de progresso em referência às intervenções materiais na cidade de Natal executadas pelos governadores republicanos. Por isso, nossa análise buscou compreender os motivos para essa mudança na forma de conceber o que configuraria o progresso do estado. Para isso, analisamos os escritos de Dantas a partir da relação que ele tinha com o grupo dirigente do estado, os Albuquerque Maranhão e o Partido Republicano. Percebemos que esse grupo buscava se legitimar a partir da ideia de que seus governos representavam uma nova era na história da cidade, em contraposição ao período monárquico, que aparecia nos discursos como sendo caracterizado pelo abandono

da cidade capital. Esse grupo empreendeu ações tanto com o objetivo de realizar transformações materiais na cidade, quanto de construir representações sobre ela – sendo este último, um domínio no qual Dantas deu grande parte de sua contribuição.

**A construção do lugar norte-rio-grandense: nos escritos de Vicente de Lemos
(1907-1912)**

Sarah Karolina Sucar Ferreira

Este trabalho objetiva compreender a construção do lugar norte-rio-grandense, por meio da escrita do pernambucano Vicente de Lemos. No início da Primeira República, diversas questões estavam sendo postas, uma delas era a legitimação do modelo republicano, que implicaria na construção de culturas políticas que permitir-se engendrar um passado comum para diversos grupos. Nesse contexto, no Rio Grande do Norte foi fundado o IHGRN, um de seus principais idealizadores foi o desembargador Lemos. Este intelectual foi um dos primeiros a se debruçar sobre a escrita da história desse estado, e que por meio de seus escritos ajudou na construção do lugar norte-rio-grandense, uma vez que, dava sentido e identidade a essa unidade federativa. Assim, este trabalho pretende preencher a lacuna acerca da análise dos escritos deste intelectual, além de entender a trajetória desse sujeito e sua rede de sociabilidade. No tocante aos seus textos, busca-se analisar a coluna “Papéis Velhos” (1907) enfatizando os elementos de uma cultura política que estava sendo gestada nesta e a tentativa de forjar o espaço norte-rio-grandense. Por fim, propõe-se entender a construção deste espaço, por meio do livro de Vicente de Lemos “Capitães-mores e Governadores do Rio Grande do Norte” (1912) e nos seus escritos na RIHGRN. Levando isso em consideração, o recorte temporal se justifica pelas fontes basilares desta pesquisa, o marco inicial a publicação da coluna de 1907 e o marco final de 1912, a publicação do livro. Além dessas fontes, foram utilizados os jornais da época, documentos oficiais e obras que citaram Lemos. A metodologia baseia-se no levantamento documental, e análise dos escritos de V. Lemos e dos demais documentos. Os resultados obtidos até o momento apontam para uma relação próxima de Lemos e o grupo dirigente, bem como o discurso de legitimação desse grupo reverbera em todos os escritos até o momento analisados.

ST2 – ESPAÇOS, HISTORICIDADE E PRÁTICAS SOCIAIS

Resumo: O Simpósio Temático almeja servir como fórum para as pesquisas desenvolvidas no âmbito do PPGH-UFRN, articulando a constituição histórica da espacialidade, desenvolvida por meio de diversas práticas sociais, mobilizando linguagens e suas combinações (narrativas, patrimônio, cinema, literatura, música, etc.), âmbitos institucionais diversos (academias, monumentos, espaço escolar, imprensa, arquivos, acervos, mídias em geral), bem como identidades e diferenças espaciais (região, cidade, campo, nação, etnoterritórios).

Coordenadores:

Margarida Dias de Oliveira – PPGH/UFRN

Francisco Santiago Jr. – PPGH/UFRN

09 DE NOVEMBRO DE 2021

14h00 às 18h00

Saberes da disciplina, saberes da profissionalização: uma leitura sobre a institucionalização da História por meio de Introdução ao Estudo da História na UFRN (1960-1968)

Matheus Oliveira da Silva

O trabalho pretende responder a questão: a disciplina Introdução ao Estudo da História teria contribuído para a institucionalização da História no curso de História da Faculdade de Filosofia de Natal, entre 1960 e 1968? Trabalho com as seguintes fontes: os currículos do curso da UFRN dos anos de 1957 a 1963, permitem visualizar quais seriam os saberes transformados em disciplinas para constituir uma formação. Pretendo utilizar os programas de IEH de 1963, 1964, 1967 e 1968, pois são neles onde se encontram quais os tópicos abordados. Esses programas, elaborados pelo professor João Wilson Mendes Melo, serviram como base na estrutura de um manual por ele publicado em 1988, intitulado também Introdução ao estudo da história. Metodologicamente utilizarei a *análise de conteúdo*, sistematizada por Laurence Bardin. É no conteúdo do manual Introdução ao estudo da história, assim como no programa da disciplina, que se encontram

ideias e concepções de história. A análise de conteúdo oferece, portanto, ferramentas para identificar e interpretar essas questões. O trabalho parte de três conceitos: *institucionalização*, *profissionalização* e *disciplina*. Entendo que a abertura do curso de História em Natal foi um processo que deu forma à História, criou um espaço para ela, fez emergir relações sociais e disputas em uma comunidade, instituiu regras e objetivos para sua existência. Isso compreendo como *institucionalização*. Esse acontecimento não está apartado de um contexto. Tornar-se professor, objetivo da formação à época, é participar de uma lógica da sociedade, é atuar conforme regras estabelecidas em uma área do conhecimento, é identificar-se socialmente. Isso entendo como *profissionalização*. O espaço que cria as condições específicas para efetivar tudo isso é a *disciplina*. A História ganha traços para formar um profissional, o que requer determinadores saberes. Tais saberes são desenvolvidos nas disciplinas. Este trabalho torna-se importante por promover um novo olhar sobre a história dos cursos superiores no Brasil, os processos de institucionalização da História, pluralizando os olhares historiográficos a esse respeito, reféns de uma perspectiva voltada para os cursos do eixo Rio-São Paulo.

Que saberes e demandas constroem o livro didático de História atual? Primeiras aproximações

Rafael Fiedoruk Quinzani

Importantes transformações tem ocorrido na percepção sobre o livro didático de História, que tem deixado, em parte das pesquisas, de ser concebido apenas como repositório de uma versão da História, passando a ser observado, em especial, como um instrumento educacional. Porém, o estudo do livro didático de História em si, considerando seus vários elementos para além dos historiográficos e educacionais, ainda se encontra significativamente lacunar. Desta forma, esta pesquisa objetiva compreender quais saberes e demandas constroem o modelo de livro didático de História vigente entre os anos de 2001 e 2018. Primeiramente, estamos consultando o que já foi produzido sobre o livro didático de História brasileiro e, posteriormente, analisaremos livros didáticos inscritos no PNLD. O levantamento está sendo feito através de fichamento das obras sobre este material, que permitirá compreender as linhas gerais do que tem sido produzido a respeito. Algumas destas obras também servirão para a etapa seguinte, na qual retomaremos a História do livro didático de História, identificando que elementos são

valorizados ou pouco abordados. Por fim, compreendendo que o livro didático de História possui uma historicidade, nos utilizaremos de livros didáticos de História inscritos no PNLD para refletir sobre quais são os saberes e as demandas do livro didático de História atual, em específico. Com esta pesquisa, esperamos enriquecer o estudo deste material ao destacar elementos para além da História e de Educação, já que estes, embora importantes, não são as únicas espacialidades que nele convivem. Se desejamos observar o livro escolar historicamente, outras questões (a exemplo da materialidade do livro, a presença da cultura e a influência social) também precisarão ser levados em conta.

Produzindo livros didáticos de História: prescrições e práticas (análise do Espaço didático-editorial brasileiro – 1995-2016)

Jandson Bernardo Soares

O presente trabalho visa compartilhar os resultados parciais obtidos na pesquisa intitulada Produzindo livros didáticos de história: prescrições e práticas (análise do Espaço didático-editorial brasileiro – 1995-2016), vinculada ao Programa de Pós-graduação em História da UFRN, a qual visa investigar como o conceito de livro didático foi disputado entre seus autores e o Estado brasileiro entre 1995 e 2016. e se pautava na tese de que não existe um único conceito de livro didático, mas que esse é resultado de um processo dialético que envolve sua materialidade, investimentos linguísticos, práticas institucionais e usos, configurando esse material como um saber-fazer. Para realizar tal empreendimento, analisou-se os documentos produzidos e divulgados pela Associação Brasileira de Autores de Livros Educacionais (ABRALE), e o Estado Brasileiro, por meio da observação dos Guias do PNLD. Esses foram apreciados a partir da metodologia de análise de conteúdo proposta por Laurence Bardin (1980), a qual permitiria adensar a leitura dos documentos a partir de procedimentos de contagem e inferências, atingindo aspectos práticos, psicológicos, históricos, econômicos e sociológicos (Laurence Bardin, 1980). Os dados obtidos foram observados a partir dos conceitos de espaço pública e democracia procedural, propostos por Jüger Habermas (1996), e economia linguística e habitabilidade, apresentados por Michel de Certeau (2013). A junção desse corpo conceitual permitiu pensar como as demandas do mundo social se configurariam enquanto acordos linguísticos materializados através de aparatos legislativos que culminariam no livro didático materializado.

Formação histórica de sentido: práticas de ensino de História no Movimento de Educação de Base (MEB) (1961-1970)

Isabela da Silva Ferreira

Este trabalho tem por objetivo a divulgação de uma pesquisa de mestrado em andamento no âmbito do Programa de Pós-Graduação em História da UFRN que tem como problemática central investigar e analisar processos de ensino de história nas aulas radiofônicas do Movimento de Educação de Base (MEB) no Sistema Radioeducativo de Natal-RN durante a década de 1960. Para tal estudo, analisa-se a espacialidade da memória historiográfica construída pelos pesquisadores sobre esta experiência educativa a fim de situar a atual pesquisa e problematizar a homogeneização da narrativa no que diz respeito ao MEB e a história do ensino de História. Toma-se ainda, como fontes para estudo, as transcrições dos programas radiofônicos, cartilhas educativas e cartas de alunos e monitores para se pensar se, mesmo a história não constando enquanto uma disciplina específica em separado, se apresentava na proposta curricular do MEB ao trabalhar competências específicas à história, tais quais: o levantamento de problemáticas sobre as vivências dos educandos, a composição de narrativas, o uso de conceitos para explicar processos históricos e sociais e, a reflexão da realidade a partir de uma chave temporal. Estes elementos são pensados na pesquisa a partir das contribuições teóricas de André Chervel e a noção de disciplina escolar do historiador Jörn Rüsen sobre a formação histórica de sentido, conceitos estes que auxiliam na compreensão do ensino de história não restrito a divulgação e apreensão dos conteúdos históricos substantivos, mas sim, enquanto interpretação da experiência temporal que orientam e mobilizam na construção de projetos de futuro.

Os ensinamentos de História nos cadernos de planejamento de uma professora em Natal (1990 a 1995)

Maria Luiza Dantas Lins

O presente trabalho propõe trazer as questões iniciais que foram apontadas no plano de pesquisa para o mestrado no Programa de Pós-Graduação no Departamento de História na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, na área de concentração em espaços a partir das perspectivas sobre os ensinamentos de História presentes nos cadernos de

planejamento de aula de uma professora na cidade do Natal na primeira metade da década de 1990. Ao entrar em contato com NDM - Núcleo de Documentação e Memória da Educação do RN/IFESP - Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy encontramos os cadernos de planejamento da professora Ana Afra Vale de Almeida, que são objetos da cultura escolar e registros cotidianos que podem revelar sobre os ensinamentos na capital do Rio Grande do Norte. Para torná-la exequível, estão sendo mobilizadas fontes que podem apontar os caminhos para o progresso da pesquisa. O objetivo desta pesquisa é compreender os elementos que constituem os ensinamentos de História, entre os anos de 1990 a 1995, presentes nos cadernos de planejamento encontrados. A metodologia que será desenvolvida é baseada na análise histórica da coleção de cadernos de planejamento da Professora Ana Afra Vale de Almeida, que atuou na rede básica de ensino na cidade do Natal-RN em diversas escolas da região, que registraram sua vida do final da década de 1980 até 1996. O encontro com os cadernos escolares de planejamento de uma professora delimita a pesquisa ao ratificar a necessidade de escrever uma narrativa que revela a diversidade de ensinamentos encontrada na cidade de Natal levando em consideração os debates existentes dentro do campo.

**Espaços de práticas de pesquisa e construção de saberes históricos: o caso do
NDIHR/UFPB (1976-1980)**

Danilo Alves da Silva

Esse trabalho se refere à pesquisa em andamento (2021-2024) no Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, a nível de doutoramento, com concentração em História e Espaços, na linha de pesquisa *Espaços de memória, cultura material e usos públicos do passado*. Objetivamos investigar práticas de pesquisa e construção de saberes históricos do Núcleo de Documentação e Informação Histórica e Regional (NDIHR), órgão suplementar da Reitoria da UFPB, na cidade de João Pessoa/Paraíba, idealizado para resgatar e preservar a memória e a produção do conhecimento crítico sobre a realidade nordestina, por meio da historiografia, considerada como um instrumento fundamental para o desenvolvimento de pesquisas em diferentes áreas, sobretudo, para realizar estudos interdisciplinares de temas relevantes para a compreensão do processo histórico regional. Pretendemos responder aos questionamentos acerca da existência de outras formas de produção, organização e

divulgação de saberes históricos existentes no espaço acadêmico universitário, como também a interdisciplinaridade na produção de conhecimento e sua interferência na formação inicial e continuada dos profissionais da história. Para dar cabo dos objetivos desta pesquisa, nos instrumentalizamos com os conceitos de espaço, operação historiográfica, memória e campo científico. As fontes utilizadas são os relatórios de atividades, Cadernos de Estudos Regionais (CER) produzidos pelo órgão e entrevistas com pesquisadores/as participantes na implantação do projeto (1976-1980). A metodologia utilizada nesta pesquisa é a análise de conteúdo e a análise do discurso, por entendermos como imprescindível a crítica interna e externa das fontes. Nesse texto apresentaremos as primeiras iniciativas já empreendidas na primeira fase da pesquisa e inserção dela nas discussões sobre História e Espaços.

10 DE NOVEMBRO DE 2021

14h00 às 18h00

O bairro da Ribeira e as classes populares nos jornais locais (Natal/RN, 1950)

Bárbara Silva Araújo

Apogeu e decadência são duas imagens complementares que comumente servem de referencial para a definição da experiência histórica urbana, no século XX, do bairro da Ribeira, que constitui parte do centro histórico da cidade de Natal. Tomando como premissa de que as ideias não são desencarnadas e de que as categorias dadas como invariantes, que chegam até nós, são construídas histórica e socialmente, este artigo tem como objetivo analisar as condições de emergência da imagem de decadência associada ao bairro da Ribeira na segunda metade do século XX. Por meio da análise de notícias, reportagens e crônicas veiculadas pelos jornais locais, na década de 1950, busca-se perceber como os jornais, ao tornarem público o cotidiano do bairro, representaram a Ribeira e as classes populares. Para tal, são basilares a noção de representação, conforme a teoria de Roger Chartier, e as reflexões sobre mídia e modernidade, desenvolvidas pelo sociólogo John B. Thompson. Pretende-se, desse modo, perceber como os discursos jornalísticos lançaram no espaço público alguns dos elementos que se tornaram base para a construção da imagem de decadência. Com isso, espera-se que possamos refletir mais

sobre como historicamente definimos e dotamos os espaços de significados e a questionar mais as imagens de determinados lugares que chegam até nós.

De subúrbio a bairro: Rocas e o processo de urbanização da cidade Natal (1900-1947)

Giovanni Roberto Protásio Bentes Filho

A cidade de Natal, capital do estado do Rio Grande do Norte, ao longo da primeira metade do século XX, passou por algumas transformações na sua forma física, política e social: novos bairros foram criados e outros oficializados, obras de infraestrutura foram realizadas como as obras de reequipamento do porto, a construção da Estrada de Ferro Central do Rio Grande do Norte, abertura e calçamento de ruas e avenidas, a inserção da energia elétrica e a instalação de serviços de transporte e de mobilidade urbana como o bonde elétrico e as linhas de ônibus. Os projetos, os planos urbanísticos, o desenho das ruas, a legislação regulamentadora dos espaços e os meios de fiscalização, que tinham no ideário sanitarista a ponta de lança de suas ações, possuíam um caráter segregador e excludente, pois estavam relacionados aos desejos das elites de garantir, por meio da técnica, da racionalidade, do domínio da natureza e daquilo que chamavam de progresso, o aformoseamento e a modernização da cidade. A partir da leitura e análise de fontes como jornais, relatórios governamentais, leis, decretos e fotografias, assim como pela própria produção historiográfica sobre o tema da história urbana de Natal do período em exame, percebe-se como alguns espaços foram privilegiados durante o processo de urbanização da cidade, a saber, Ribeira, Cidade Alta e Cidade Nova. Em vista disso, este trabalho busca investigar, a partir daquele mesmo conjunto de fontes, como foram tratados os espaços periféricos e suburbanos da cidade de Natal na primeira metade do século XX, durante o processo de urbanização, privilegiando, contudo, o bairro das Rocas nas análises. Nossa intenção é, portanto, investigar qual era o lugar das Rocas nos projetos de remodelação do espaço urbano de Natal, assim como analisar o imaginário social sobre aquele bairro no período em estudo.

Os ritos fúnebres nas cidades de Acarí-RN e Jardim do Seridó-RN e os cemitérios como espaços de memória (1847-1930)

Luana Barros de Azevedo

O presente estudo é uma abordagem a respeito das construções dos cemitérios e os rituais de morte em duas cidades, localizadas no interior do Rio Grande do Norte, sendo elas Jardim do Seridó e Acari. As cidades citadas são recortes espaciais que me fizeram pensar a respeito da produção histórica cultural dos cemitérios, enquanto espaço de memória e cultura material, uma vez que, segundo Aleida Assmann (2011), a memória imprime no espaço formas e transformações por meio das recordações. As cidades de Jardim do Seridó e Acari foram escolhidas para a presente pesquisa, pois em 1862, Pedro Veloso, presidente da província, recomendava cemitérios o quanto antes para a região do Seridó, enquanto tomava os cemitérios de Jardim e Acari como “exemplos de decência”. Essa descrição fez pensar a respeito de como a população reagiu de forma a aceitar o novo lugar da morte para enterrar seus entes queridos. O recorte temporal foi estabelecido por meio da análise dos discursos e relatórios dos presidentes de província do Rio Grande do Norte, do período de 1847 a 1930, no qual se iniciou as discussões a respeito da necessidade de construção dos cemitérios extramuros na província; se estendendo até o ano de 1930, no qual começa o período de governo de Getúlio Vargas. Analisar os relatórios e falas dos presidentes de província, aliados à produção testamentária e os livros de óbito da época, foi o presente intuito, para perceber como o entendimento a respeito da morte era vivenciado e modificado de acordo com o tempo, contribuindo com fatores aliados ao período higienista, da segunda metade do século XIX, e a construção do cemitério extramuros, assim como a cidade. Meu intuito é estudar a morte com vistas à compreensão de como uma sociedade reage a esse fenômeno, sendo responsável por construir memórias no espaço cemiterial.

Cinema e o envelhecimento: o combate aos múltiplos espaços reservados ao ageísmo

Gustavo Henrique de Oliveira Caldas

O ageísmo, que é também conhecido como etarismo, remonta às atitudes que a sociedade estabelece com os demais em virtude da idade, envolvendo preconceitos e estereótipos com todo o seu discurso autoritário, repetitivo e definidor do outro. Essa pesquisa tem por objetivo compreender os espaços e práticas associadas aos idosos no cinema brasileiro contemporâneo, utilizando como fontes os seguintes filmes: Copacabana (2001), O ano em que meus pais saíram de férias (2006), Chega de saudade (2008), Histórias que só

existem quando lembradas (2012). A realidade apresentada por essas obras culturais revela tanto espacialidades tradicionais destinadas aos idosos, como modificações nesses espaços e nos preconceitos etaristas que se tornaram mais evidentes com o passar do tempo, embora ainda persistam situações que precisam ser alteradas, inclusive nos filmes mais recentes, como podemos perceber em Histórias que só existem quando lembradas. Nessa película, todos os idosos da cidade fictícia de Jutuomba depositam, ao final do filme, suas expectativas numa única jovem de nome Rita, que chegou recentemente na cidade e da qual eles não detêm muita informação, apesar de ter uma conduta ilibada durante todo o filme. Dentro dessa perspectiva e de um quadro de análise das estruturas da película, de síntese de seus efeitos com elementos específicos óticos e não óticos, pretendemos fazer as análises qualitativas e fílmicas com seus princípios estéticos necessárias às conclusões dessa pesquisa. O Brasil vivencia atualmente um aumento, em termos absolutos e relativos, do número de idosos, o que gera demandas de políticas públicas na área cultural e no cinema e, por outro lado, o cinema pode induzir emoções e influenciar o espectador e a sociedade sobre idosos, melhorando a sua representatividade. Ao mesmo tempo, o próprio cinema é influenciado pelo contexto da sociedade em que está inserido, contribuindo para o melhor entendimento da história do cinema, das artes e da própria história.

“A pequena via”: da santa à festa

Joana Paula Silva Sousa

Este trabalho objetiva descrever o processo da formação de Lisieux, a partir da religiosidade presente na festa da padroeira que é parte dessa religiosidade existente no lugar, ao mesmo tempo percebendo que parte da religiosidade existente no lugar é oriunda antes do período de sua constituição. Desse modo, busca-se perceber o trajeto histórico do surgimento da dança de São Gonçalo, objeto de pesquisa da minha tese de doutorado. Além disso, apresenta-se, mesmo que de forma sucinta, a história da festa da padroeira e a participação dos sujeitos históricos nesse período. Por isso, este trabalho recorreu a autores que abordam sobre a religiosidade, memórias e conceitos relacionados, tais como: Abreu (1999), Alberti (2008), Candau (2012), Costa (2011), Gaeta (1997), Petruski (2008), além de utilizar as narrativas dos colaboradores da pesquisa e outras fontes para compor este trabalho. Ademais, discorre-se por meio de uma breve descrição da história

das festas da Padroeira de Lisieux, Santa Teresinha a fim de propor a observação em relação ao estudo do objeto de minha pesquisa, a dança de São Gonçalo no distrito de Lisieux. No primeiro momento, o texto discorrerá sobre a forma com a qual se dar a construção da capela; no segundo momento, pretendo apresentar a festa e seu desenvolvimento e os aspectos sagrado e profano que a compõe. Para fins metodológicos, buscou-se traçar correlações entre o processo de devoção à Santa padroeira em relação aos demais santos cultuados, evidenciados na trajetória do lugar. Logo, a santa padroeira tem sido festejada pelos lexovienses/lisieuxenses, passando a assumir a função de simbolizar o pequeno lugar. Em outras palavras, “a festa de setembro” possibilitou a comunidade festejar a si mesma pelas conquistas, além de nos fazer entender os motivos que levaram a comunidade de Lisieux a não cultuar São Gonçalo, sendo que esta dança chegou em 1963 com a família Polongo, três anos após a construção da capela de Santa Teresinha, ou seja, depois de todos os argumentos expostos para decidirem quem seria a santa ou santo padroeiro. Fato esse que será descrito no intento de compreender os motivos nos quais a dança de São Gonçalo teve um pequeno percurso dentro do povoado iniciando em 1963 e sendo encerrada sua apresentação, em Lisieux em 1969. Entretanto, nas localidades vizinhas permaneceu. Por fim, entende-se que as narrativas dos sujeitos pertencentes ao lugar se destacam na problemática das identidades tanto do lugar quanto dos sujeitos dançantes e do desenvolvimento da dança de São Gonçalo, por meio das diferenças religiosas existentes no local. Desse modo, as observações feitas sobre e a partir das narrativas dos colaboradores trouxeram diferentes e possíveis abordagens de compreensão da história local, sua religiosidade e memórias.

**ST3 – (DES)COLONIALIDADES, TERRITORIALIDADES,
ESPIRITUALIDADES & AMERICANIDADES**

Resumo: O Simpósio Temático quer congrega as pesquisas realizadas no âmbito do PPGH, servindo como lugar de debate sobre as múltiplas epistemologias, teorias e metodologias que tratam das relações entre história e espaços. Pretendemos refletir sobre: processos de territorialização (movimentos e protestos sociais, marchas, migrações, ocupações, etc); formação de redes intelectuais e atlas literários; os fundamentos espaciais na formação de identidades e representações; a questão espacial no âmbito do religioso e espiritual; a história indígena e seus espaços; as relações entre política, educação e espaços (geopolítica) no Brasil e nas Américas.

Coordenadores:

Sebastião Vargas – PPGH/UFRN

Henrique Alonso de Albuquerque Rodrigues Pereira – PPGH/UFRN

Lígio José de Oliveira Maia – PPGH/UFRN

João Gilberto Neves Saraiva – PPGH/UFRN

09 DE NOVEMBRO DE 2021

14h00 às 18h00

Cartografias de *nuestramérica* na trilogia *Memória do Fogo*

Bárbara Carolline Santos Cavalcante

O objetivo desta comunicação é apresentar sumariamente os resultados de uma investigação de mestrado sobre a América Latina desenhada pelo uruguaio Eduardo Galeano (1940-2015) na trilogia *Memória do Fogo* (1982-1986), em especial o último volume *O século do vento*. O objetivo é pôr em foco a experiência espacial da leitura dos livros e a intenção do autor de cartografar a memória e a história das Américas, em especial da América Latina. A fonte mobilizada será o último livro da trilogia e a operação metodológica proposta tem como foco a análise das histórias contadas no livro, objetivando compreender o que o Galeano quer dizer com “dar voz ao que a história oficial esqueceu” e “resgatar a memória sequestrada” da América Latina, que são os pontos-chave da trilogia. A pesquisa justifica-se pelo baixo número de trabalhos

historiográficos realizados sobre o Galeano, apesar da sua íntima aproximação com a História.

As Guerras Híbridas como novo fenômeno das disputas geopolíticas no século XXI

Claudionor Almir Soares Damasceno

Muito analistas políticos têm utilizado com frequência o termo Guerra Híbrida para explicar diversos eventos que eclodiram mundo afora desde o início desse século. Também chamada de “guerra de quarta geração”, a guerra híbrida vem sendo utilizada de forma regular pelos Estados Unidos nas disputas geopolíticas, o que tornou um fato permanente, difuso e global a ocorrência desse tipo de guerra. Identificamos que as ações americanas para mudança de regime e manutenção de sua hegemonia tem se utilizado de estratégias para colapsar seus potenciais inimigos lançando mão prioritariamente da guerra de informação, do cerco e sanções econômicas, da *lawfare* e das Revoluções Coloridas, que são características do que vem sendo chamado de Guerra Híbrida. Este trabalho teve como objetivo uma definição conceitual e empírica da Guerra Híbrida, analisando suas principais características e parâmetros e trabalhando com a hipótese de que as disputas geopolíticas atuais tendem a ocorrer de forma velada. Para isso foi utilizada a pesquisa exploratória através de levantamento bibliográfico e documental, além de estudo de caso. Nosso esforço se justifica pela necessidade de compreender as dinâmicas que interagem nos processos de disputas pelo espaço geopolítico e contribuem para determinar nossas experiências espaço-temporais.

ST4 – ESPAÇO, SOCIEDADE E CULTURA NO MUNDO ANTIGO

Resumo: O Simpósio Temático tem por objetivo congregar as pesquisas realizadas no âmbito do PPGH servindo como palco de debate sobre teoria e métodos que tratam da relação história e espaços. Pretende-se mostrar a aplicabilidade dos conceitos tratados em casos específicos e tomados como exemplos de investigação em estudos de caso de sociedades antigas diversas, abordando espaços de memória, espaços funerários, identidades e alteridades e a noção de fronteira, paisagens e territórios.

Coordenadoras:

Marcia Severina Vasques – PPGH/UFRN

Lyvia Vasconcelos Baptista – PPGH/UFRN

12 DE NOVEMBRO DE 2021

14h00 às 18h00

O Norte da África na *Geografia* de Estrabão e a construção de paisagens líbias

Alaide Matias Ribeiro

A *Geografia* de Estrabão de Amásia é uma descrição geográfica do orbe habitado nos séculos I antes e depois da era comum. A obra foi escrita em grego e organizada em dezessete livros. Mas, a descrição que articula elementos geográficos e etnográficos dos territórios só se inicia no terceiro livro, pois a introdução situada nos dois primeiros livros apresenta uma discussão mais ampla sobre a geografia da época. O mundo ou ilha habitada que é circundada pelo Oceano é apresentada no discurso como formada por três continentes que, genericamente, foram denominados como Europa, Ásia e Líbia. O Norte da África, constituído à época pelo Egito, Etiópia e Líbia, foi descrito no último livro da obra, o qual está organizado em três capítulos. O objetivo desta comunicação não é discutir todos os três territórios principais que compõe o Norte da África na Antiguidade, mas apresentar como a descrição do espaço foi realizada. Especificamente, proponho discutir como, a partir da construção discursiva do geógrafo Estrabão, é possível identificar uma série de paisagens líbias distintas presentes no território Líbia que são apresentadas no capítulo três do livro 17. Para isso utilizaremos as reflexões sobre os

conceitos de “paisagem” e “mundo-tempo” elaboradas pelo antropólogo britânico Timothy Ingold nas obras *The Perception of the Environment. Essays on livelihood, dwelling and skill* (2000) e *Estar Vivo. Ensaio sobre movimento, conhecimento e descrição* (2015). Dessa forma, esta comunicação contribui para com a discussão da relação entre História e Espaços, em especial, na reflexão sobre como o espaço, o território e a paisagem podem ser discutidos no âmbito da História Antiga. Além disso, fomenta a pesquisa sobre a *Geografia* de Estrabão no Brasil e o estudo das noções de África na Antiguidade a partir de novas abordagens e leituras das fontes escritas.

Plutarco e o Império Aquemênida: Orientalismo e Representação identitária

Felipe Aiala de Mello

Este trabalho busca analisar as representações identitárias da dinastia Aquemênida e da Pérsia forjadas por Plutarco em *Vidas Paralelas*. Nessas biografias, o autor organiza sua própria concepção da vida social e busca dar visibilidade, legibilidade e legitimidade a espaços e a identidades. Ao falar de um lugar ideologicamente marcado, sob o ponto de vista de um cidadão de uma polis grega (Queroneia) que viveu sob o domínio romano, Plutarco reconfigura fatos, dados, enfim, a própria história, com uma escrita de cunho biográfico, documental e histórico e, ao mesmo tempo, estrategicamente, dramático, teatral, emocionado e moralizante. Busca-se mostrar que Plutarco, ao forjar a representação da dinastia persa e do espaço do Oriente, o faz sob uma perspectiva imperialista e orientalista, coadunando com a tradição helênica. As principais categorias analíticas utilizadas na consecução deste texto são imperialismo, espaço, orientalismo e representação/identidade. A metodologia utilizada na análise baseia-se na forma tradicional do trabalho do historiador, qual seja, a das críticas internas e externas das fontes, aliada à análise de conteúdo. Vemos que Plutarco, a partir de dicotomias opostas estereotipadas sustentadas por preceitos helênicos, subjuga a corte persa e o Oriente, em prol de uma suposta superioridade baseada em uma hierarquização cultural e moral. Ao final do trabalho, teremos mostrado que *Vidas Paralelas* conta com uma espécie de espelhamento no qual, por um lado, espaços (des)limitam representações identitárias, e por outro, identidades (de)limitam espaços. Ao compor sua obra, Plutarco constrói perfis *ethóticos* daqueles que, como ele, compartilham da cultura helênica, e,

como contraposição dicotômica, forja o ethos dos Aquemênidas, como pertencentes ao mundo do Oriente, logo bárbaro.

Notas sobre o Espaço na Arte Assíria

Ruan Kleberson Pereira da Silva

A arte de esculpir relevos em pedra foi uma das atividades de maior esmero artístico e uma das mais sofisticadas técnicas desenvolvidas pelos artesãos a serviço dos reis assírios. Cumprindo funções narrativas e representando grandes acontecimentos da sociedade, os relevos parietais são importantes documentos visuais para o estudo do passado assírio. Quando analisados em conjunto, no interior de um corpus documental, esses relevos parietais possibilitam o estudo das concepções (e convenções) artísticas que estiveram disponíveis e foram manuseadas pelos artesãos. Com isso, o presente artigo pretende estudar a representação de cenas militares em relevos neoassírios, identificar os elementos que compuseram a paisagem das cenas estudadas e, por fim, analisar a concepção de espaço empregada na arte de esculpir relevos durante a época neoassíria.

A deusa Háthor no Templo de Hatshepsut

Talita Alves da Cruz

O objetivo deste trabalho é tecer uma análise sobre o templo de Hatshepsut em Deir el-Bahari, tendo como foco principal a questão de gênero. O templo de Hatshepsut está situado na margem ocidental do Nilo, próximo ao templo do faraó Motunhotep, da XI dinastia. A rainha-faraó reinou durante a XVIII dinastia, entre 1473 e 1458 A.E.C., no período do Reino Novo e foi responsável por governar o antigo Egito como faraó, e também como rainha regente ao lado de seu enteado Tutmés III. Nesse ínterim, Hatshepsut empreendeu projetos para que o país se tornasse cada vez mais próspero e expressivo, buscando expandir acordos com regiões próximas, realizar construções e restaurar obras de seus antecessores. Uma das sessões do templo se dedica à deusa Háthor, a capela da deusa contém iconografias mostrando a divindade e sua relação com Hatshepsut. Como fonte para este trabalho, iremos utilizar o quarto volume da obra *The Temple of Deir el-Bahari* (1901), que possui pranchas com iconografias do templo. Hatshepsut ocupou uma posição privilegiada, a de governar o Egito. Como resquício mais evidente de seu governo, restou-nos seu templo que mostra inúmeras cenas que retratam

e justificam sua soberania perante o reino, e neste trabalho iremos discutir a respeito de algumas destas. Como metodologia, iremos utilizar a obra *Magia y símbolo em el arte egipcio* de Richard Wilkinson (2003).

Onde os vivos e os mortos se encontram: a arquitetura, a imagem e o texto como guias na Tumba de Nakht (Egito Antigo, Reino Novo, XVIII dinastia, c. 1401-1353 A.E.C.)

Pedro Hugo Canto Núñez

Nessa apresentação analisaremos a parede oeste da tumba de Nakht (TT 52), um escriba e astrônomo do deus Âmon, que construíra este complexo funerário na colina de Sheik el-Qurna, na cidade de Tebas, atual Luxor, entre os anos de 1401 e 1350 A.E.C. (XVIII Dinastia, Reino Novo). A parede oeste da TT 52 apresenta uma cena de banquete (lado sul) e a caça e pesca nos pântanos (lado norte). Essas cenas foram, por muito tempo, interpretadas como imagens que representavam o cotidiano egípcio. Entretanto, os estudos atuais tendem a compreendê-las como um espaço de interação entre os mortos e os vivos. As cenas de banquetes fazem alusão à Bela Festa do Vale, que ocorria em Tebas e indicava a união do deus Âmon com a deusa Háthor, enquanto as cenas de caça e pesca nos pântanos estavam associadas com o regozijo da família no Além, eternamente. Se compararmos essas cenas em tumbas da XVIII Dinastia, percebemos algumas semelhanças entre elas, como, por exemplo, as de banquete possuem uma representação em que os proprietários da tumba aparecem sentados em frente às mesas de oferendas, com os filhos prestando homenagens aos mortos, com os convidados organizados posteriormente. Quanto às de caça e pesca, elas geralmente estão posicionadas ao lado norte, referenciando o delta do Egito, uma região pantanosa. Em ambas as cenas, as inscrições que acompanham as imagens aparecem como cruciais para essa interpretação, uma vez que expressam essas questões “ausentes”. Embora seja algo em construção na Egiptologia atual, essas observações sobre o espaço arquitetônico, imagético e textual são raras. Dessa forma, nossa intenção nessa apresentação é de analisar a parede oeste, de modo a entender como o espaço funerário da TT 52 fora estruturado para que houvesse uma interação simbólica dos mortos (ali representados) com os vivos (que experenciam o espaço) a partir da conjuntura arquitetônica, imagética e textual.

**ST5 – BRASIL E AMÉRICAS: TERRITORIALIZAÇÃO, POLÍTICA,
SOCIEDADE E CULTURA (SÉCULOS XVI-XIX)**

Resumo: Entre os séculos XVI e XIX, os impérios português e espanhol passaram por grandes mudanças estruturais e de consolidação de suas conquistas, alternando períodos de maior e menor centralização, influenciados pelo direcionamento econômico e político culminando na independência das antigas colônias e posterior consolidação dos Estados Nacionais. O período de conquista foi marcado por muitas guerras e alianças com as populações de indígenas, e que culminou no estabelecimento das primeiras povoações, vilas e cidades. Os religiosos, por sua vez, por meio da catequização, buscaram cristianizar essas populações, que possuíam sua própria lógica religiosa e que acabaram por reconstruir o catolicismo ao seu modo. Para consolidar o seu controle em regiões distantes e separadas por oceanos, as coroas ibéricas transplantaram uma série de instituições políticas, econômicas, sociais e religiosas, e de rituais administrativos, que conferiam um sentido de unidade ao Império. Estas instituições tinham um campo vasto de atuação dentro da sociedade, identificado como sua área de jurisdição. O objetivo deste Simpósio Temático, portanto, é discutir temáticas relevantes para o estudo do período, abrangendo diferentes aspectos da sociedade, cultura, política e economia e a variedade de agentes sociais envolvidos.

Coordenadores:

Ana Lunara da Silva Moraes – PPGH/UFRN

Carmen Alveal – DH-CCHLA – PPGH/UFRN

Leonardo Cândido Rolim – DHI/Mossoró-PPGEH/UERN

Thiago Dias – UPE-LEHS

10 DE NOVEMBRO DE 2021

14h00 às 18h00

A territorialização hispânica na cidade e praça-forte de Valdivia: entre as rebeliões indígenas e a ameaça corsária

Erick Matheus Bezerra Mendonça

O processo de territorialização do Chile, realizado pelos conquistadores espanhóis, foi pontuado por situações conflitivas e por cenários de renhidas disputas e situações instáveis. O processo de construção de fortificação da cidade de Valdivia, fundada por Pedro de Valdivia, em 1552, foi parte relevante da afirmação hispânica sobre o espaço indígena, além de, processualmente, tornar-se um importante feito estratégico para as armas espanholas. Sua destruição, em 1598, após um retumbante ataque indígena, marcou o início de meio século de vacância no poder ibérico sobre a região, confrontado pela resistência e pela luta por autonomia de uma reativa população indígenas, contrafeita à dominação direta dos huinca, como denominavam os estrangeiros em mapudungun. A refundação da praça-forte em 1645 foi pontuada pelo risco de ver este espaço ocupado pelos holandeses, que afligiam diferentes localidades do império mundial espanhol. Visto isso, desejamos analisar o processo de construção, destruição e reconstrução dessa urbes, visando a relação entre o poder instaurado, simbolizado na materialidade cidadina, e a vontade por submeter o espaço do Outro.

Fronteiras jurisdicionais na América portuguesa: a questão das capitánias donatárias no âmbito da Monarquia Hispânica (1580-1640)

Elenize Pereira Trindade

O sistema das capitánias donatárias foi parte da organização política, territorial e jurisdicional da América portuguesa do século XVI ao XVIII. O sistema se baseava no senhorio português e seu núcleo era a concessão de direitos de jurisdição sobre amplas franjas de terreno, privilégios e rendas a particulares, os capitães donatários. Esta unidade espacial (capitania donatária) tinha um significado jurídico específico criado pela transmissão de faculdades de carácter monárquico (exercício da justiça, nomeação de magistrados e funcionários, etc.) e se caracterizou pela territorialização do poder político em virtude do vínculo estabelecido entre a jurisdição e o território. Denominamos de fronteiras de jurisdição os limites, conflitos, distensões e invasões de competências que se produziram entre as diferentes esferas de poder na América portuguesa, em especial nos 60 anos em que esteve no âmbito de poder da coroa dos Habsburgo. O trabalho a ser apresentado indica os primeiros resultados de uma investigação inicial sobre o tema. Os objetivos deste estudo consistem em explicar como a América portuguesa foi incorporada à Monarquia Hispânica e administrada levando em consideração que o referido território

era constituído por diferentes poderes jurisdicionais. Pretende-se ainda investigar se houve uma sistematização reformista por parte dos Habsburgo, o que alguns autores chamam de “práticas castelhanas” e se estas tiverem reflexo direto no aumento do controle dos poderes jurisdicionais dos donatários. Para lograr estes objetivos será necessário estabelecer comparações entre a administração das capitánias donatárias e capitánias régias fundamentalmente no que diz respeito aos temas de Justiça, Fazenda e Guerra. Nesse sentido, a tipologia documental das fontes consultadas é bastante variada e engloba doações, cartas de privilégio, alvarás régios, cartas patentes, cartas dos Governadores Gerais, cartas de mercês, documentos do Conselho de Guerra e do Conselho da Fazenda, cartas régias, requerimentos, entre outros.

Homens de Armas e jurisdições nas Guerras de Conquista das Capitánias do Norte do Estado do Brasil (1654-1701)

Tyego Franklim da Silva

A segunda metade do século XVII nas Capitánias do Norte do Estado Brasil foi marcada pelas investidas bélicas no sentido de conquistar e ocupar as áreas mais interioranas, os sertões. Trata-se de um processo de territorialização do Império português em locais ainda ditos como fronteiras entre os pontos de povoação luso-brasileiras e áreas habitadas e dominadas por grupos vistos como inimigos da empreitada colonizadora. Ao Sul, os mocambos dos Palmares representavam uma barreira para o avanço da fronteira na capitania de Pernambuco; ao Norte, os indígenas “tapuias” reagiam contra as investidas bélicas de conquista na Paraíba e no Rio Grande. O trabalho aqui proposto discutirá a participação dos “homens de armas” à serviço da Coroa portuguesa nas guerras de conquista das Capitánias do Norte, entre 1654 e 1701, analisando o jogo de jurisdições envolvendo as autoridades coloniais no comando das ações de conquista dos territórios. Para tanto, serão analisadas cartas patente e correspondências trocadas entre esses sujeitos, verificando em que medida as jurisdições de indivíduos e instituições impactavam nas ações das guerras.

“Pareceu ao Conselho nomear”: consultas de nomeação para os governos das Capitánias do Norte (séc. XVII-XVIII)

Leonardo Paiva de Oliveira

Para administrar suas vastas conquistas no ultramar, a Coroa portuguesa precisava enviar/nomear agentes responsáveis por determinados cargos, dentre eles, um dos mais importantes eram os governativos. Um governador de capitania era um dos principais representantes da autoridade régia no lugar, por isso, a sua escolha era de grande relevância e objeto de cuidado. O perfil e os critérios de escolha desses agentes régios seguiam padrões predeterminados (qualidade social, experiência militar/tempo de serviço), mas não absolutamente rígidos. Os lugares e os contextos influenciavam de forma significativa nesse processo. Nesse sentido, como já destacado em alguns importantes estudos, uma lógica hierarquizadora dos espaços foi construída pela Coroa de acordo com a distribuição que ela fazia das pessoas pelos territórios ultramarinos. Quanto mais importante fosse considerado determinado território, maior o prestígio social de seus governantes, possuindo uma ligação direta entre a hierarquia espacial com a hierarquia social. Dessa forma, era criada uma relação de complementariedade entre o homem e o espaço. A América portuguesa estava organizada administrativamente, em termos governativos, em capitanias, sendo elas tradicionalmente divididas entre principais e subordinadas. Essas categorias implicavam em lógicas hierarquizadoras e jurisdicionais, no entanto, a simples divisão principal e subordinada não é o suficiente para se determinar o tipo de perfil que teria os seus governantes. Tendo isso em vista, este trabalho pretende analisar o processo de escolha dos governantes das Capitanias do Norte, especificamente as de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande e Ceará, entre a segunda metade do século XVII e a primeira metade do século XVIII, destacando o perfil dos opositores a esses postos e identificando diferenças e semelhanças entre esses espaços.

A cerimônia de preito e menagem e as jurisdições dos governos das Capitanias do Norte (1654-1700)

Marcos Arthur Viana Fonseca

A cerimônia de preito e menagem foi um importante ritual surgido durante a Idade Média. O juramento de fidelidade criava um laço político de vassalagem entre dois homens nobres e de estatutos semelhantes. O cerimonial foi incorporado pelas monarquias europeias do Antigo Regime no processo de expansão ultramarina, associando ritual a jurisdição concedida ou delegada aos ofícios governativos dos Impérios coloniais. No caso da América portuguesa, a cerimônia desenvolveu um segundo aspecto: a construção

de laços de subordinação entre governantes de diferentes capitanias. Por causa deste fenômeno, alguns governantes, notadamente o governador-geral da Bahia e o governador de Pernambuco, utilizaram o preito e menagem como um instrumento jurídico para disputar a primazia política sobre outras capitanias do Estado do Brasil. Desta forma, este trabalho pretende analisar como o preito e menagem foi utilizado pelas autoridades administrativas portuguesas, notadamente o governador de Pernambuco e o governador-geral, para definir a arquitetura administrativa das Capitanias do Norte do Estado do Brasil, na segunda metade do século XVII.

Africanas da Costa da Mina denunciadas na Bahia: religiosidade e cultura no século XVIII

Jhon Lenon de Jesus Ferreira

Propomos neste trabalho realizar uma análise sobre experiências de mulheres oriundas da Costa da Mina na capitania da Bahia do século XVIII. Buscamos entender como essas pessoas conseguiam praticar suas religiosidades em um contexto desfavorável para isso. Estudamos também o calundu praticado por africanas ocidentais em solo baiano. Para nos auxiliar, utilizamos denúncias presentes nos Cadernos do Promotor do Santo Ofício da Inquisição de Lisboa. A diáspora africana foi responsável por colocar povos de diferentes procedências em contato, o que tornou possível um ambiente multirreligioso na Bahia.

Os requerentes de chãos de terra da cidade do Natal (1700-1785)

Monique Maia de Lima

Este estudo teve por objetivo analisar o perfil social dos vassallos da coroa portuguesa que pretenderam por meio de requerimentos ao Senado da Câmara aforar chãos de terra na cidade do Natal entre 1700-1785. Ao investigar a ocupação urbana buscou-se averiguar as justificativas e os conflitos que esses vassallos de diferentes grupos sociais e condições jurídicas enfrentaram ao solicitar as terras na urbe, assim como as condições para o aforamento. Neste ínterim, foi possível também identificar e analisar o pagamento ou isenção do foro, tributo usualmente cobrado na cidade pelo Senado da Câmara, utilizado como instrumento para ordenar o espaço urbano no período colonial. Assim como, realizar o mapeamento das áreas ocupadas por esses vassallos. Para tanto, utilizou-se nesta pesquisa as Cartas e Provisões do Senado da Câmara da cidade do Natal, referentes aos

“chãos de terra” da cidade e aos Termos de Vereação sob a guarda do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte. Também foram utilizados os registros paroquiais, encontrados no Arquivo da Cúria Metropolitana de Natal, os registros de casamento (1727-1755), e os registros de batismo (1688-1714) que estão no Arquivo do Instituto Histórico de Pernambuco. Nesta pesquisa utilizou-se a análise comparativa, a prosopografia dos perfis dos vassalos e a onomástica dos lugares como recurso metodológico, entende-se que por intermédio da análise da ocupação urbana realizada pelos diferentes grupos que compunham o escopo social da cidade do Natal foi possível averiguar as variadas formas de controle inferidas pela Coroa portuguesa no período colonial.

O Brasil no tribunal da legacia da Nunciatura de Lisboa (XVIII)

José Rodrigues da Silva Filho

Esta pesquisa tem o objetivo de compreender o processo de espacialização da jurisdição eclesiástica na América Portuguesa a partir da atuação da Nunciatura de Lisboa. Partindo de uma concepção de história social, pretende-se ter uma visão de como as estratégias da Igreja Católica pós-tridentina e as práticas dos indivíduos foram moldando um espaço eclesiástico, por meio das esferas jurisdicional, religiosa e diplomática da Nunciatura de Lisboa. As Nunciaturas Apostólicas foram constituídas a partir do século XV, como resultado de um processo mais antigo de consolidação do papado como sede da centralidade da Igreja Católica Ocidental. A principal série documental a ser consultada diz respeito a Nunciatura de Lisboa, que faz parte do fundo documental da Secretaria de Estado, custodiado pelo Arquivo Apostólico do Vaticano. Outro acervo importante para essa pesquisa está presente no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, onde encontra-se custodiado os fundos documentais do Tribunal da Legacia, Mesa de Consciências e Ordens, Casa da Suplicação, Tribunal do Santo Ofício e Papéis do Brasil 1550/1818. Portanto essa investigação possibilitará a compreender os mecanismos de atuação da Nunciatura de Lisboa na América portuguesa e identificar as consonâncias e dissonâncias entre a Nunciatura e o padroado régio.

As elites locais e a Maçonaria nas disputas políticas na Província do RN (1870-1880)

Kleber Cavalcante de Sousa

A sociedade brasileira do Oitocentos vivenciou grandes transformações políticas e sociais relacionadas as disputas políticas e lutas dos movimentos que emergiam em busca de poder. As revoltas do Período Regencial, a Guerra do Paraguai, a Questão Religiosa e o Movimento Abolicionista foram fatos históricos que impactaram as discussões e ocuparam a arena pública, levando a década 1870 a ser um período decisivo para a crise do império, queda da monarquia e proclamação da República. E nesse contexto, encontrava-se a Maçonaria - instituição de sociabilidade que acolhia membros da elite política e econômica do período, a fim de estreitar seus laços sociais e possivelmente discutir questões relativas a seus interesses comuns, tais como a ocupação dos espaços de poder. Na Província do Rio Grande, acredita-se que a Maçonaria, como espaço social, também teve uma presença decisiva, visto que, pesquisas já iniciadas por esse pesquisador demonstraram a presença de maçons - membros da elite local, nos cargos de poder na província, inclusive na assembleia provincial. Diante disso, a presente pesquisa, com base na teoria Gramsciana, estudará a Maçonaria e os maçons, membros da elite dominante da província, pois acredita-se que eles contribuíram para implementar diversas transformações econômicas, sociais e políticas no Rio Grande do Norte, de modo a possibilitar a apropriação dos espaços urbanos e agrários por membros de seus grupos sociais. Assim, pretende-se investigar as lojas maçônicas e a assembleia provincial para compreender o papel exercido na consecução desses interesses, relacionados a manutenção do seu domínio nesse território. Para este fim, a pesquisa utilizará um manancial de fontes: atas de reuniões, periódicos maçônicos publicados no RN e no Rio de Janeiro, e Falas e Relatório dos presidentes da província. Logo, essa pesquisa justifica-se, pois, contribui para esclarecer lacunas na historiografia local sobre as disputas políticas na província, no período estudado.

ST6 – HISTÓRIA CULTURAL DOS ESPAÇOS

Resumo: Este Simpósio Temático busca agregar as pesquisas em desenvolvimento no PPGH-UFRN que, por meio das variadas relações entre história, espaço e cultura, propõem uma História Cultural dos Espaços. Nessa perspectiva, apropriando-nos da ideia de cultura como potente categoria heurística, serão bem-vindos estudos que evidenciem os usos historiográficos de conceitos, práticas, fontes e linguagens para a efetivação das relações entre história e espaços.

Coordenadores:

Durval Muniz de Albuquerque Júnior – PPGH/UFRN

Francisco Firmino Sales Neto – PPGH/UFRN

10 DE NOVEMBRO DE 2021

14h00 às 18h00

**Uma análise biográfica: Jerônimo Ribeiro Rosado – uma ação brasileira na
província (1861 -1930)**

Fábio Augusto Xavier

O presente trabalho analisou a biografia: Jerônimo Ribeiro Rosado – uma ação brasileira na província (1861-1930). A obra tem dupla autoria, escrita por Luís da Câmara Cascudo e pelo filho de Jerônimo Rosado, Vingt-un Rosado. A pesquisa se insere no escopo teórico-metodológico da Nova História Cultural, dialogando com o conceito de representação de Roger Chartier (1990; 1991). As escritas sobre Jerônimo são similares, compactuando a natureza elogiadora do texto, isto é, tecendo elogios mútuos sobre o biografado como “provedor” do progresso em Mossoró, a saber: “Foi dedicado à pomicultura, pecuária, mineração, Estradas de Ferro e abastecimento d’água, começando dos reservatórios de acumulação e as barragens de fixação. Aprendeu lendo e fazendo (CASCUDO, 1999, p.11)”. “Seu Rosado era o maior amigo da Estada. Lá estava telegrafando, escrevendo, falando, pedindo como e coisas pessoal, para o benefício de todos. Para ele, pessoalmente nada (ROSADO, 1999, p. 116)”. Ao entregar o desafio da decidibilidade sobre a cidade em Jerônimo a todo o momento, tal fato tenta enraizar e

legitimar a produção de sentidos, com a intenção de que fosse capaz de atestar a verdade a respeito do acontecido. Desse modo, as representações discursivas sobre Jerônimo Ribeiro Rosado elaboraram uma determinada realidade sociocultural pensada, dada a ler, uma vez que esses textos não são isentos ou neutros, são construídos para dar significado e sentidos ao mundo (CHARTIER, 1990, 1991). Essa produção de sentidos foi desenvolvida pela Editora Coleção Mossoroense, tendo como chefe editor Vint-un Rosado. Esse lugar é um espaço de produção e circulação de representações a respeito de Mossoró, de Vingt-un e da família Rosado (FELIPE, 2001; FERNANDES, 2014, 2012, 2014, 2015; COSTA, 2011; FALCÃO, 2018). Por conseguinte, toda essa conjuntura ajudou substancialmente a construir o poder político-cultural da família Rosado em Mossoró e região.

Cartografias do olhar: Lima Barreto e a política dos sentidos na obra *Numa* e a *Ninfa*

Thiago Venicius De Sousa Costa

A proposta deste trabalho é refletir como Afonso Henriques de Lima Barreto (1881-1922) construiu uma política dos sentidos em sua obra, isto é, como o escritor pensou e discutiu o seu tempo, o Rio de Janeiro da Primeira República brasileira, a partir de relatos que tornam central o corpo. O assunto será desenvolvido com a análise do romance *Numa* e a *Ninfa*, com atenção as notas que fez das expressividades do rosto. O olhar será avaliado como uma possibilidade de perceber as performances do corpo no espaço, e vários são as notas que evidenciam o tema: o olhar que espia, que julga, que arde, que repulsa, que crer, que é distraído, que sujeita, que simula e não disfarça as emoções. Olhares que não podem ser avaliados como um mero instrumentos da visão ao qual lhes foi reservado o dever de perceber aquilo que é visível, perceber o que se fez aparente diante dos olhos. Antes, os olhares devem ser avaliados como um recurso narrativo que além apresentar um tom de realismo dos rostos dos personagens que compõem diferentes classes e estratos sociais, as suas fisionomias representam uma história: as expressividades de uma época, as maneiras como homens e mulheres se comportaram, agiram e se perceberam no mundo.

“Um navio de papel com emigrados que me dizem adeus”: a geografia literária de Teixeira de Pascoaes e a crise dos espaços em Portugal (1877-1928)

Cid Morais Silveira

Esta pesquisa em desenvolvimento se propõe a analisar a relação entre o poeta português Teixeira de Pascoaes e os espaços que aparecem em sua obra, articulando-a com uma crise que atingia dados espaços na sociedade portuguesa entre o fim do século XIX e início do século XX. Meu objetivo é analisar as dimensões simbólicas – imagens, significados e valores - construídas e agenciadas pelo discurso literário de Teixeira de Pascoaes e como esse discurso enuncia e constrói paisagem afetivas e saudosas da casa, da montanha, das aldeias, das cidades. Na contramão dos estudos que tendem a reduzir a obra de Pascoaes a uma expressão do Saudosismo, a uma literatura da ausência ou uma filosofia da saudade, desejo inaugurar uma outra forma de interpretação, e é aqui onde se encontra a tese central deste trabalho: pensar a poética do espaço em Pascoaes como uma literatura de resistência a um processo de desterritorialização sofrido por grande parte da população de Portugal no período destacado. Ao lado de acontecimentos traumáticos, de destabilizações sociais, políticas e econômicas, surgiu o que chamo de crise dos espaços, ou seja, uma quebra do vínculo entre dados grupos sociais e a terra, o desenraizamento coletivo do lugar natal, um movimento de afastamento e uma perda de controle das territorialidades individuais e coletivas, provocada pelos tempos de crise e pelo avanço da modernidade capitalista e burguesa. Cultivo a hipótese de que a figura de Pascoaes, juntamente com sua geografia poética, representa um desejo de luta frente a esse processo, fazendo justamente o movimento contrário: o sujeito que retorna à aldeia onde nasceu e à Casa de Pascoaes, em ruínas, para reconstruí-la e lá viver até o resto de sua vida, à beira da montanha.

Novas memórias, novas histórias: uma literatura de combate na revista

Mensagem/1969

Rannyelle Rocha Teixeira

O presente trabalho reflete sobre uma literatura de combate que tem como foco principal evidenciar a luta do povo angolano em prol de uma independência fazendo uso tanto dos corpos como das letras para quebrar com o domínio colonial português em Angola. A literatura angolana age como força motriz para os significados no processo de construção de identidade cultural, social e política de uma sociedade que fora invadida pelo outro. Os espaços corpóreos ganham ênfase na medida em que foram construídos em torno dos

controles dos corpos como consequência das relações entre angolanos e portugueses ações que se manifestam na realidade expressa pelos contos, pelas poesias. As fontes que serão utilizadas fazem parte da revista Mensagem por meio dos contos e poesias em suas dimensões sociais, culturais e simbólicas. O recorte temporal do artigo delimita-se aos anos em que a revista foi publicada entre 1950-1952. A abordagem metodológica de leitura e análise dessa fonte tem como influência a abordagem da autora Suely Rolnik. Para melhor articulação deste trabalho, será mantido um diálogo com as proposições teóricas de Michael Foucault, David Le Breton e Yi-Fu Tuan.

Marco zero do mundo – o Manguêbeat, as identidades recifenses e o mercado musical global na década de 1990

Renan Vinícius Alves Ramalho

Na década de 1990 alguns artistas vieram Recife como algo averso a mudanças e carente de produções conectadas com as transformações da época. Em resposta, fundaram o Manguêbeat, movimento que propunha a dinamização da cultura local, atualização estética, adoção de novas mídias e conexão com produções globais. Não sendo um rompimento com as tradições, pretendiam adaptá-las a demandas contemporâneas e cosmopolitas. Projeto bem-sucedido, ao ponto de figurarem como alternativa viável de identificação local e de tocarem em rádios europeias especializadas em *world music* – categoria em expansão na época. Paralelamente, evidenciava-se bandas brasileiras que também uniam estilos de música *pop* com ritmos nacionais: Raimundos, Planet Hemp, Angra e Sepultura – as duas últimas, apostas do mercado japonês e estadunidense, respectivamente. Além disso, em 1997, o ex-vocalista do Sepultura montou o Soufly, sucesso da gravadora Roadrunner Records no cenário de *new metal* estadunidense. Em seu disco de estreia um número significativo de instrumentistas do Nação Zumbi (principal banda do Manguêbeat) foi convidado para as gravações, a fim de adicionar ritmos brasileiros. Neste texto pretendemos analisar as correlações entre a tramitação do Manguêbeat em cenários além da cidade do Recife de modo a melhor compreender a sua inserção nos debates identitários locais. Faremos isso a partir do raciocínio de Anthony Giddens a respeito das estratégias de autoidentidade no cenário da alta modernidade em que frequentemente se faz presente uma articulação entre o local e o global. Para tanto teremos como fonte desde a própria produção audiovisual desses artistas, quanto

entrevistas e matérias em órgãos de mídia. Entendemos que a importância desse trabalho se estabelece pela reiterada necessidade de compreensão dos mecanismos subjetivos de agregação e engajamento no mundo contemporâneo, inclusive por suas implicações no campo político e nas interações sociais mais gerais.

Os sons dissonantes no Alto Sertão da Paraíba: a paisagem sonora do cenário de concretização do rock ‘n’ roll cajazeirense, um mapeamento do arquivo sonoro (1995-2010)

Francisco Didier Guedes Albuquerque Junior

O presente trabalho tem como propósito discutir as fontes sonoras e as metodologias da pesquisa que estamos desenvolvendo, na qual investigamos o cenário de concretização do *Rock ‘n’ Roll* cajazeirense. Localizada no que convencionou-se chamar de Alto Sertão da Paraíba, região central que fica próxima dos vizinhos estados do Ceará, Pernambuco e Rio Grande do Norte, a cidade de Cajazeiras tem sido um espaço fecundo para a circulação cultural de diversos setores artísticos. Particularmente na música, houve uma crescente de bandas de *rock* que buscaram adentrar nesse cenário cultural: ora conectando a música local com uma sonoridade internacional, notadamente o *rock ‘n’ roll*; ora produzindo canções que eram fiéis às formatações/convenções sonoras do *rock ‘n’ roll*, adaptando, no entanto, a poesia das canções ao espaço sertanejo ao qual faziam parte. É fruto desse meio, portanto, uma complexa paisagem sonora (SCHAFER, 2011), em que as bandas produziram suas próprias e autênticas musicalidades: como é o exemplo das bandas *Baião d’doído*, *Cabeça Chata*, *Arlequim Rock ‘n’ Roll Band* e *Tocaia da Paraíba*, em que nesses casos o *rock* foi transformado em um elemento que foi hibridizado com o baião, com o repente sertanejo, com o maracatu, e com o coco de roda; bem como das bandas: *Comportamento Zero* e *Epidemia Tipo 5*, que buscaram suas referências no *punk rock* e no *rock* nacional, respectivamente. Nesse sentido, buscaremos mapear as produções sonoras desse movimento cultural cajazeirense entre os anos de 1995 (ano de formação da primeira banda que representa o cenário de concretização, a *Tocaia da Paraíba*) e 2010 (ano de lançamento do disco *Parece que*, da banda *Epidemia Tipo 5*), identificando em seus discos, em suas canções e em suas representações visuais, formas de representação simbólica e contestação frente ao ideal tradicional de Nordeste (ALBUQUERQUE JR, 2011).

12 DE NOVEMBRO DE 2021

14h00 às 18h00

Cartografias da denúncia: o eixo Rio-São Paulo na Historiografia Brasileira

Matheus Pinheiro Da Silva Ramos

Esta comunicação se ocupa em pesquisar a relação entre a historiografia, a narrativa e o espaço. O que me interessa é cartografar as relações acadêmicas entre Benito Bisso Schmidt, Silvia Regina Ferraz Petersen e Durval Muniz de Albuquerque Júnior a partir de 1994 com vistas a identificar críticas destes historiadores em relação a narrativa histórica produzida no eixo Rio-São Paulo. As fontes passam pela leitura atenta dos escritos dos historiadores, mapeamento de autores e a análise dos escritos e de disputas institucionais no âmbito da história no sentido perspectivar um empreendimento cujo próprio objeto sejam as tensões de caráter espacial existentes. A cartografia é pensada no sentido de sugerir a coexistência de diferentes percursos, caminhos e trajetórias históricas que acabaram circunscrevendo regimes espaciais dos quais os historiadores que atuam em território nacional nutrem e cortejam. Cada crítica ou apontamento de historiadores com relação a um tratamento desigual de determinados espaços na historiografia é resultado de uma tensão permanente, mas que aparece de distintos modos. Esses momentos narrativos são pertinentes no sentido de verificar hierarquias, limites, demarcações espaciais presentes no texto do historiador, assim como no imaginário social que envolve a identidade nacional brasileira.

Produção do espaço e políticas de narratividade na cidade de Boa Vista

Leonardo Evangelista de Nardin

O presente estudo vincula-se ao projeto de pesquisa “Ensaio sobre experiência urbana: memória, História e testemunho na cidade de Boa Vista”. O qual objetiva, de modo geral, compor ensaios acerca dos modos de relação, uso e ocupação do espaço urbano que evidenciam a constituição de uma narrativa e um estilo narrativo oficial do lugar. Especificamente, o trabalho atual empreendeu apresentar alguns resultados parciais das

apropriações político-epistemológica dos conceitos que norteiam a pesquisa, bem como, alguns dos processos históricos responsáveis pela constituição da narrativa de cidade e seus efeitos de memória - uma memória instalada publicamente, contida nos ângulos das avenidas, no nome das ruas, nos monumentos culturais, etc. Teoricamente, esse trabalho se organizou em torno do entendimento de que as variações no plano físico-espacial de uma cidade acompanham variações nas formações de memória de seus usuários (Baptista, 2012). Ou seja, mais do que otimizar as funções urbanas, as largas avenidas também fazem circular uma memória oficial sobre a cidade (Benjamin, 1987). Metodologicamente, buscou-se fazer um levantamento de documentação que remetesse aos *espaços de recordação* da cidade, em seus ritos e movimentos (Assman, 2011). Os dados de pesquisa levantados foram submetidos a procedimentos analíticos qualitativos, do tipo exploratória, que buscou a compreensão mais ampla de uma temática particular (GIL, 2008). Além disso, recorreu-se também a aspectos e procedimentos reunidos em torno da modalidade de pesquisa cartográfica (Passos e Eirado, 2010). Por fim, pode-se observar que essa memória oficial, num nível discursivo, possui uma estrutura e dinâmica narrativa específica, que conta com elementos como: o uso monumental de alguns eventos e a ideia de progresso e de aperfeiçoamento do processo histórico.

Espaços inventados: memórias dos (nos) acampamentos de motor de agave do interior paraibano

Silvano Fidelis de Lira

O trabalho apresenta algumas considerações e análises sobre a memória de trabalhadores e trabalhadoras dos campos de agave no interior paraibano, especificamente na cidade de Cubati/PB na segunda metade do século XX, a partir das narrativas orais, busca-se entender com essas pessoas deram outros sentidos aos espaços, convertendo-os não só em espaços de trabalho e opressão, mas também de afetividades e sociabilidades, marcados por lutas e tensões, risos e lágrimas.

“Em nome da fé e da razão”: médicos, católicos e espíritas na construção de um discurso sobre a loucura em Natal na década de 1940

Khalil Jobim

Na década de 1940, em Natal, médicos, católicos e espíritas travariam um debate acalorado nas páginas dos principais periódicos da capital. Esse debate se estruturava em torno de um tema específico: o tratamento da loucura. De um lado, o discurso científico era evocado por psiquiatras como João Machado, que defendiam o tratamento da loucura por meio do saber médico, científico, criticando fortemente as práticas espíritas, que em sua visão, contribuíam para o desenvolvimento dos distúrbios mentais. Junto aos médicos viriam os católicos, representados pelo movimento da ação católica, que defendiam, junto aos psiquiatras, tanto o saber científico sobre a loucura, como a criminalização da prática espírita, considerada como ambiente de charlatanismo ou de desvio da moral cristã, visto como um dos fatores que possivelmente levariam o indivíduo a perda da razão. Do outro lado, o espiritismo, que aparecia cada vez mais frequente nas páginas dos jornais, seja como objeto de críticas, seja como uma nova doutrina que reunia cada vez mais adeptos em vários locais da cidade. O objetivo deste artigo é analisar as relações de força travadas entre esses grupos em torno do tema da loucura em Natal, analisando a construção do discurso sobre essa temática e sua relação com o processo de institucionalização da loucura na capital nesse período. Utilizaremos como fontes os artigos publicados nos jornais *A ordem* e *O diário de Natal* no período entre 1942 e 1948.

Saberes, práticas médicas e vivências no Hospital Colônia de Natal (1957-1965)

Thaise Gabriella de Almeida Rodrigues

O presente estudo se propõe a analisar o Hospital Colônia de Natal, pensando em como a loucura foi representada e definida nesse espaço, e quais as relações que as construções deste conceito mantiveram com seu contexto histórico e cultural. Ademais, é proposto a investigação dos saberes e das tecnologias psiquiátricas, ou seja, do conhecimento sobre a loucura, sobre os tipos de tratamento e quais eram os diagnósticos. Parte do trabalho é dedicado também ao Hospital de Alienados (primeira instituição psiquiátrica do Rio Grande do Norte). Porém, no que diz respeito à essa instituição, só será analisado o aspecto dos discursos acerca da imagem de decadência que lhe foi atribuída e como estes aspectos foram relevantes para a reafirmação da necessidade de uma nova instituição: o Hospital Colônia. O trabalho tem por objetivo investigar o Hospital Colônia em termos de prática e saber médicos, da organização espacial, do perfil dos pacientes e de suas vivências na instituição. As principais fontes mobilizadas nesta pesquisa são os

prontuários dos pacientes internados no Hospital Colônia, a partir de 1957 até o ano de 1965, submetidos ao método indiciário proposto por Carlo Ginzburg. Esse método é utilizado na anamnese e nos escritos dos pacientes, que contribuem para compreender suas experiências e possibilitam sua fala. Além dessa documentação, estão sendo analisados os periódicos que publicaram artigos que descreviam o Hospital de Alienados como espaço de decadência e que o comparava ao Hospital Colônia, definido como moderno e ideal, auxiliando assim o debate acerca dos motivos de sua construção e da contribuição para se ratificar como nova instituição essencial. Este trabalho é necessário para definir não só o perfil da psiquiatria potiguar, mas também para pensar sobre o impacto que a internação causou nos pacientes e como eles se sentiram em decorrência do diagnóstico recebido.

“Triste, louca ou má”: olhando a loucura feminina pelas frestas da teoria

Sonní Lemos Barreto

A loucura feminina está inscrita no rol de novas abordagens, passíveis de serem analisadas à luz da construção das espacialidades. Compreender a loucura enquanto fenômeno social e perceber a conduta feminina como objeto de desvio não constitui tarefa fácil. Faz-se necessário o desprendimento de valores e pré-conceitos – estes construídos social e cotidianamente – que lançam sobre o feminino e a loucura um olhar de alteridade e julgamento. O presente ensaio tem como objetivo discutir a loucura feminina no Hospital de Alienados em Natal a partir de categorias espaciais que possibilite enxergá-la como lugar de movimento, de práticas e vivências. Para fundamentar as abordagens aqui empreendidas, utilizo os conceitos de *Espaço* (Certeau); *Representação* (Chartier); *Lugar e Não-lugar* (Augé) e *Heterotopia* Foucault (2001). Para isso, a análise de prontuários médicos de mulheres nos permitiu perceber a loucura como espaço de desvio e a mulher louca concebida a partir de várias representações – criadas para defini-la como histérica, descontrolada, insana, desregrada, degenerada, recalcada... – que indiciam a forma que a sociedade enxerga o feminino, a moralidade e o casamento. Por fim, a loucura feminina se institui como um espaço *normatizado, esquadrinhado, vigiado e punido*. Isso porque quando se manifesta na sociedade, não encontra lugar. As loucas são antes de tudo, mulheres inadequadas que precisam de controle. Aferir à mulher a condição de

alienação é uma das formas mais sutis e perigosas de lhes anular a resistência, pois quanto mais a resistência se manifesta, mais a sua condição de loucura se ratifica.

IX COLOQUIO DE HISTÓRIA E ESPAÇOS

08 de novembro a 12 de novembro 2021

Natal – Rio Grande do Norte

